

REVISTA EDIÇÃO Nº 115 | JANEIRO DE 2025

# CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LER

ISSN 2448-1068

**ESPECIAL**

# Charles Dickens

**E MAIS: CONTOS, CRÔNICAS, POEMAS  
ENTREVISTAS E DICAS PARA LEITURA**

Distribuição Gratuita





# SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Charles Dickens - Ilustração

# 6

Uma criança séria e autodidata, essa era a descrição de Charles Dickens (1812-1870) quando ainda era uma pequena criança que devorava centenas de livros de renomados autores [...]

Confira na **pág. 06**

## SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX  
PE  
DI  
EN  
TE

*Ademir Pascale*  
Editor-Chefe  
[ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

*Elenir Alves*  
Assessora de Imprensa  
[elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

ISSN: 2448-1068

## CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook 1: @conexaoliteratura  
Facebook 2: @conexaogramatica  
Instagram: @revistaconexaoliteratura  
Youtube: @conexaonerd



E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)  
Site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



EDIÇÃO 115

- Expediente, pág. 02**  
**Editorial, pág. 04**  
**Charles Dickens, pág. 06**  
**Poema: Abracadabra, por Sellma Luanny, pág. 09**  
**Emily Dickinson: poesia a ferro e fogo, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 12**  
**Dicas para leitura, pág. 20**  
**Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 21**  
**Poema: Vida-estação, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 26**  
**Entrevista com Bia Barros, pág. 28**  
**Entrevista com Fabíola Fabrícia, pág. 36**  
**Entrevista com Júnia Paixão, pág. 41**  
**Entrevista com Marcos A. Junior, pág. 47**  
**Citações de grandes autores, pág. 55**  
**Conto: A hóspede indesejada, por Emerson Pagnussat, pág. 59**  
**Conto: Os lunáticos, por Idicampos, pág. 62**  
**Conto: Os sapatinho de verniz, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 67**  
**Conto: Amor verdadeiro existe?, por Mí Santiago, pág. 72**  
**Conto: Articuladas, por Mónica Palacios, pág. 77**  
**Conto: Lua do caçador, por Ney Alencar, pág. 80**  
**Conto: A história de Amina - Continuação, por Sellma Luanny, pág. 85**  
**Conto: Uma carta do vento, por Roberto Schima, pág. 89**  
**Conto: 1938..., por Valéria Guerra Reiter, pág. 94**  
**Feedback, pág. 102**  
**Passatempo, pág. 105**  
**Mídia Kit, pág. 107**  
**Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 108**

ÍNDICE

# CONTÉÚDO

REVISTA  
**CONEXÃO  
LITERATURA**



## PATROCINE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

E APAREÇA EM NOSSAS EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS

➡ SAIBA MAIS: [CLIQUE AQUI](#)



# EDITORIAL

Querido(a) leitor(a),



**N**ossa primeira edição do ano destaca Charles Dickens, o mais popular dos romancistas ingleses da era vitoriana, confira matéria nas próximas páginas.

**O leitor também poderá conferir excelentes contos e poemas, além de entrevistas com escritores, dicas para leitura e artigos para quem ama livros.**

**Para saber como participar da nossa edição de fevereiro/2025, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.**

**Desejamos uma ótima leitura e um excelente início de ano!**



*Ademir Pascale*  
ESCRITOR E EDITOR

**E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)**

**Site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**



CLÁSSICOS DA  
LITERATURA MUNDIAL

CHARLES DICKENS

# OLIVER TWIST

“

Embora Oliver tenha sido criado por filósofos, ele não estava teoricamente familiarizado com o belo axioma de que a autopreservação é a primeira lei da natureza.

”



# Charles Dickens

REVISTA CONEXÃO LITERATURA - JANEIRO/2025

POR ADEMIR PASCALE

"Com poucos anos de idade, Dickens carregava o peso de sustentar a devedora e pobre família."

## Dickens foi o mais popular dos romancistas ingleses da era vitoriana

Uma criança séria e autodidata, essa era a descrição de Charles Dickens (1812-1870) quando ainda era uma pequena criança que devorava centenas de livros de renomados autores, como Daniel Defoe, Tobias Smollett e Henry Fielding. Charles não pertencia a uma família rica e seu pai era um homem mergulhado em dívidas, até que um dia fora preso por muito tempo. A família perdeu praticamente todos os bens materiais e foram morar em um quarto barato no bairro de Camden Town em Londres.

O pequeno Charles, agora com doze anos de idade, fora obrigado a trabalhar duramente em uma empresa de graxa para sapatos chamada Warren's. A função do garoto era a de rotular incansavelmente inúmeros frascos de graxa.

Com poucos anos de idade Dickens carregava o peso de sustentar a devedora e pobre família, o que acarretou posteriormente na criação de dezenas de obras literárias. A primeira fora lançada em 1836 "The Pickwick Papers", a segunda, um grande sucesso até os dias de hoje, "Oliver Twist" (1837-1839). Ainda lançou outros famosos romances, entre eles "A Christmas Carol" (1843), David Copperfield (1849-1850), "A Tale of Two Cities" (1859) entre outras. No total foram 44 obras produzidas.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA



# Charles Dickens

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Cena do filme "Oliver Twist"

Pesquisando sobre a vida dos grandes escritores ingleses, portugueses ou franceses, noto uma incrível semelhança: praticamente todos sofriam por alguma causa, alguns por amores não correspondidos, outros de sérias doenças e alguns, como Charles Dickens, da falta de dinheiro e da humilhação de ter o próprio pai preso por ser um dividendo. As características sofridas dos autores acarretam em grandes obras literárias. Reflexão: e se estes autores nascessem em berço de ouro, fossem correspondidos amorosamente e não sofressem de terríveis doenças, existiriam hoje essas excelentes obras literárias?

**FILME & LIVRO** - Para conhecer profundamente Charles Dickens

## FILME

Ficha Técnica

Título: Oliver Twist

Gênero: Drama

Duração: 130 min.

Ano: Inglaterra/República Tcheca/França/Itália - 2005

Estúdio: Runteam Ltd. / ETIC Limited / Medusa

Produzione / R.P. Productions

Distribuição: Sony Pictures Entertainment / TriStar Pictures

Direção: Roman Polanski

Roteiro: Ronald Harwood, baseado em livro de Charles Dickens

A obra Oliver Twist foi adaptada diversas vezes para as grandes telas. A versão mais conhecida foi a de 2005, dirigida pelo cineasta franco-polaco, Roman Polansky (Oliver Twist de Roman Polansky ganhou 5 Oscars por melhor filme). Oliver Twist retrata uma mera semelhança da real infância de Charles Dickens, pobre e sofrida. O longa é excelente em narrativa e interpretações, o protagonista "Oliver" é cativante, o que lhe fez ganhar milhares de admiradores em todo o planeta.

## LIVRO

Sinopse: Na Inglaterra do século XIX, o pequeno Oliver, mal nasceu, foi deixado sozinho no mundo. Desde cedo, conheceu o lado mais duro da vida, a maldade e, até mesmo, a violência. Mas um segredo sobre sua origem, que ele vai descobrir em meio a muitas surpresas, vai lançar o menino numa seqüência de aventuras que emocionam há mais de um século leitores do mundo todo.

Título: Oliver Twist - Col. Clássicos Universais

Autor: Dickens, Charles

Editora: Melhoramentos

Edição: 1 / 2005

Idioma: Português

País de Origem: Brasil

Número de Páginas: 48

Visite o site Dickens Museum:  
[dickensmuseum.com](http://dickensmuseum.com)



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# PRATA DA CASA



CASA BRASILEIRA  
DE LIVROS

Um dos maiores eventos literários do Brasil está de volta em janeiro. Se você escreve contos, poemas ou crônicas, fique ligado!

**R\$ 30.000,00**  
em prêmios!

*Saiba mais em:*

**[www.casabrasileiradelivros.com](http://www.casabrasileiradelivros.com)**







# ABRACADABRA

*Por Sellma Luanny*

*Janeiro de ano incógnito ainda...  
e eu venturando na espera infinda...  
meses divididos em semanas...  
em dias... em horas...  
e intermináveis minutos...*

*E eu num contínuo espichar  
do tempo que me comprime...  
e na demora que nada revela  
do que por vir, está...  
Sem poderes, eu só espio.*

*Nem abracadabra por mim  
se abre... vislumbres  
do amanhã não mostra...  
nada se apresenta... pelo  
futuro... mistério... apenas.*

*E não me curo das expectativas  
que me subjugam em  
quase delírios... pelo ano  
não nascido... mas dentro  
de mim, gestado.*



Sobre a autora: Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



# Revista Conexão Literatura

## Quarto de Despejo Carolina Maria de Jesus

“Fiquei alegre olhando o livro e disse: ‘O que eu sempre invejei nos livros foi o nome do autor’. E li o meu nome na capa do livro. ‘Carolina Maria de Jesus. Diário de uma favelada. Quarto de despejo’. Fiquei emocionada. É preciso gostar de livros para sentir o que eu senti.”

Carolina Maria de Jesus

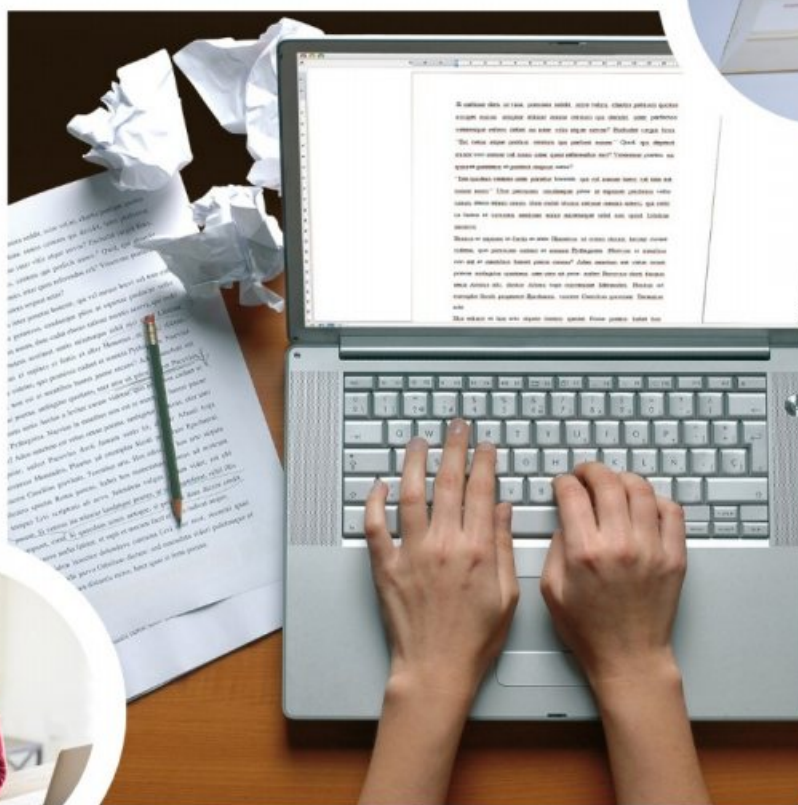




# Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:  
[ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)





POR GILMAR DUARTE ROCHA

*Emily Dickinson:  
poesia a ferro e fogo*



O outro dia escrevi sobre o fenômeno de escritores que vêm ao mundo tal qual um passarinho, ou talvez uma borboleta, que pousam suavemente em algum campo florido, sugando o pólen da flor mais bela e disseminando lindeza e esperança pelos campos e espaços aonde as suas asas conseguem alcançar.

Mas ainda há casos curiosos de escritores que vêm ao mundo pleno de talento; que escrevem coisas maravilhosas e que não conseguem ver a sua arte divulgada para o público ainda em vida. Nenhuma obra; nenhuma página; nenhuma linha; nada.

Isso aconteceu com a renomada poeta norte-americana Emily Dickinson (Amherst, Massachussets, 1830), uma jovem típica do interior dos Estados Unidos, que levava uma vida reclusa, quase solitária, e que partilhava as suas ideias com as irmãs e com poucos amigos da então provinciana região de Springfield. Começou os seus estudos em Amherst e na adolescência se matriculou no Mount Holyoke Female Seminary (South Hadley), um estabelecimento tradicional para ensino de arte liberais para moças. Não ficou muito tempo nesse colégio. Abandonou os estudos após exíguos seis meses, por motivos obscuros (registra-se que ela não compartilhava da fé cristã, um ingrediente peremptório para quem desejasse avançar nos estudos nos tempos do puritanismo religioso).

Após abandonar a escola, Emily retorna à casa paterna e nela passa toda a sua vida, optando pela reclusão eterna. Nesse interim, chegou a publicar o seu primeiro poema no periódico Springfield Republican, não obtendo êxito algum. Anos depois, tentou publicar uma antologia de poemas com o editor Thomas W. Higginson, ele mesmo um poeta, que a aconselhou a desistir de divulgar os seus versos pois considerava que Emily tinha uma escrita “espasmódica”. A poetisa, que consumia horas e horas de sua vida devorando a Bíblia e as obras de William Shakespeare, Emerson, Keats e Charlotte Brontë, desistiu de vez de difundir a sua arte e passou o resto dos dias de sua vida escrevendo e guardando tudo que escrevia. Faleceu de nefrite (inflamação dos rins) em 15 de maio de 1886, na mesma Amherst, cidade que nasceu e viveu a quase totalidade de sua existência.

Após a morte da escritora, cuja obra era desconhecida até mesmo no condado onde morava, uma chama de arte se acendeu nos confins de Massachussets devido à descoberta da família de Emily de cerca de 1.750 poemas inéditos, que ela havia escondido à sete chaves. Foi o bastante para despertar a atenção do próprio Higginson, o mesmo que rotulou a poesia dela de impopular, devido ao estilo único na maneira como ela edificava os seus versos a ferro e fogo.

Higginson “lapidou” alguns poemas dentre os muitos encontrados e lançou o talento de Emily Dickinson para algumas milhas além de Springfield. Com o passar dos anos, mais precisamente em meados do século XX, o professor, autor e estudioso de literatura americana Thomas Herbert Johnson descobriu a poesia da vate de Massachussets e, por intermédio de intensa pesquisa, identificou que os poemas dela que ele conhecia não refletiam a forma original como foram compostos pela autora há quase um século atrás. Johnson então se debruçou sobre o tema e resgatou quase toda a obra de



Emily Dickinson na sua essência, ou seja, uma poesia bruta, com métrica peculiar, substantivos cravados em caixa alta, solene desrespeito ao rigor das rimas e criatividade em profusão.

Até hoje os especialistas em literatura não souberam definir com exatidão em que ramo a obra de Dickinson se encaixa e nem a que escola ela pertence. Há os que consideram a poeta transcendentalista ou metafísica ou surrealista. O que todos concordam é que os versos da escritora estão além da tendência e do estilo dos poetas do seu tempo, onde prevalecia sobremaneira o estilo romântico, realista, naturalista e simbolista.

O que dizer de estrofes como:

*The Grass so little has do —*

*A Sphere of simple Green —*

*With only Butterflies to brood*

*And Bees to entertain —*

Que poderia ser traduzido assim:

*Bem pouco a fazer tem o pasto:*

*Reino de irrestrito verde,*

*Só tem borboletas para criar,*

*E abelhas para entreter —*

Observa-se também no bojo da sua obra a constante dicotomia entre o amor e ódio; êxtase e desespero; aceitação dos ditames divinos e afrontação direta à Deus, bem como a persistente sombra da morte que permeia quase todos os seus versos.

Os críticos e editores também conseguiram agrupar os poemas em quatro grupos distintos, levando-se em consideração a prevalência da temática. São eles: “Vida”, “Amor”, “Natureza” e “Tempo e Eternidade”.

Enfim, vanguarda e criatividade à parte, Emily Dickinson cresceu e viveu descolada do seu tempo literariamente falando, a ponto do eminente crítico literário estadunidense Harold Bloom ter feito o seguinte comentário sobre ela:

*“À exceção de Kafka, não lembro de nenhum escritor que tenha o desespero com tanta força e constância quanto Emily Dickinson”.*

Para que quiser conferir a obra da autora vertida para a língua portuguesa, há uma gama de publicações disponíveis nas livrarias virtuais, bem como a compilação da obra

completa — em inglês — editada pela Library of America, uma casa editorial de excelência, que concede primazia aos grandes escritores clássicos americanos.



**Gilmar Duarte Rocha**, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# TECENDO POEMAS

VOL. VII

E-BOOK



*Tecendo Poemas*

VOL. VII

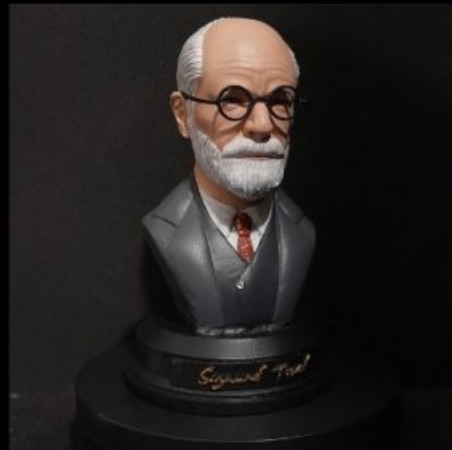
ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

saiba mais: [clique aqui](#)



INSTAGRAM: @INTELECTUSBUSTOS  
WWW.INTELECTUSBUSTOS.COM.BR



INTELECTUS BUSTOS

INSTAGRAM: @INTELECTUSBUSTOS  
WWW.INTELECTUSBUSTOS.COM.BR





# SEU ANÚNCIO AQUI

CLIQUE AQUI  
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# O JOGO DO AMOR

VOL. II

ADEMIR\*PASCALE  
ORGANIZADOR

## O JOGO DO AMOR

CONTOS E POEMAS  
VOL. II

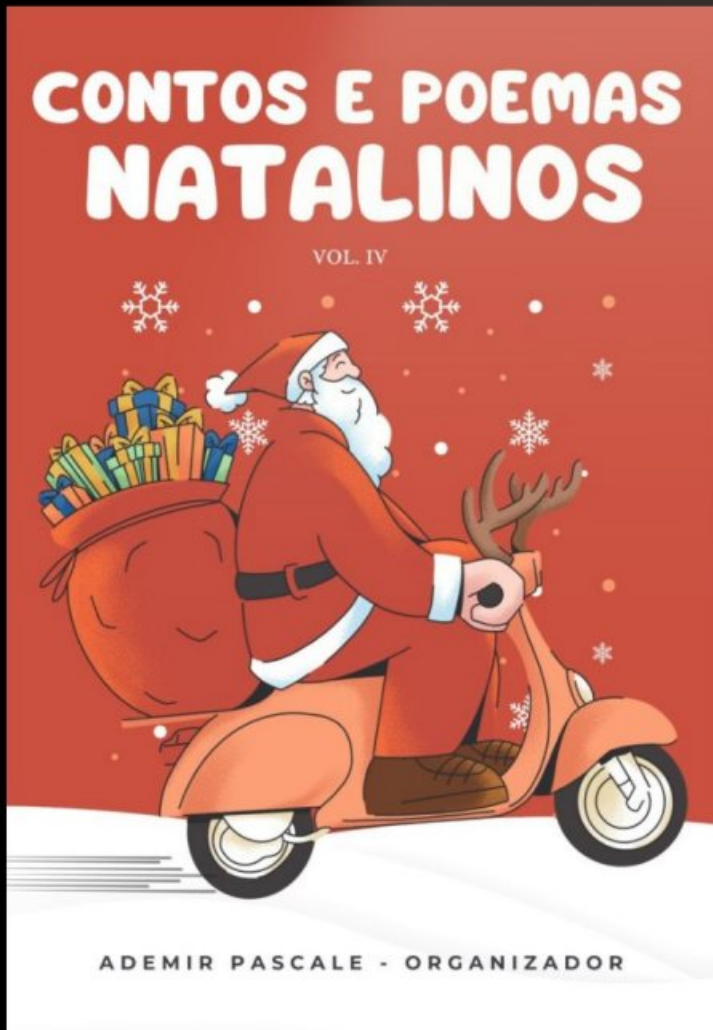
E-BOOK

saiba mais: clique aqui



DICAS  
PARA LEITURA

CONTOS E POEMAS NATALINOS - VOL. IV, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: [WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG)



CONTOS E POEMAS SOBRE O FUTURO - VOL. IV, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: [WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG)



# IREI VOLTAR...

*Por Joaquim Cândido de Gouvêa*

Ah! Noite tão escura  
Todavia, não me canso em tanto a admirar  
Pelo tempo que for... perdura  
A rara beleza das Estrelas no delicado "cintilar"

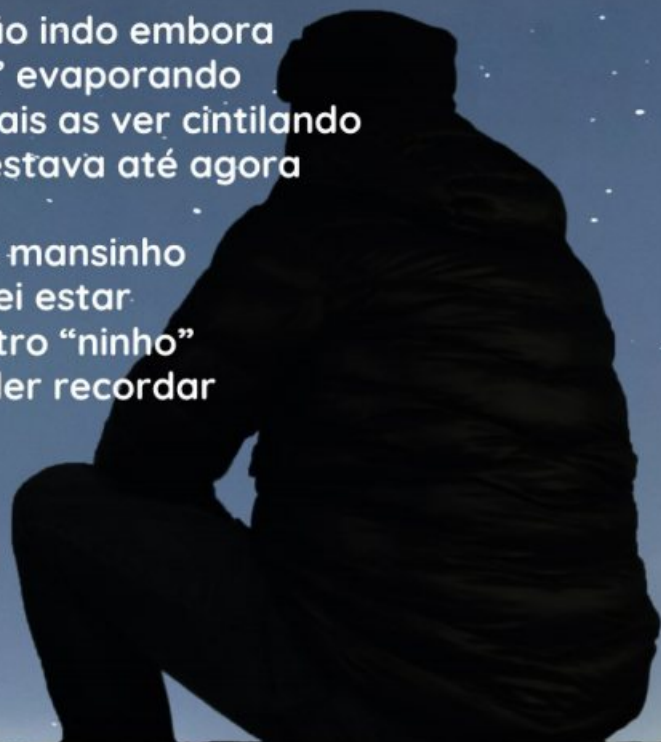
Assim, na "relva" deitada, acomodada  
Viajo por essa "estrada"  
E, com "olhos fechados"  
Como não sentir a delícia de você ao meu lado?

Juntinho, aquele sussurrar, como antigamente e belas palavras escuto  
Pelos maravilhosos beijos, infelizmente, ainda o "luto"  
Bem sabe que neste encantado viver  
Por eles "luto" para finalmente acontecer

Amedronta-me o amanhecer  
Súbito o acordar sob o Sol a "pino"  
"Olhos abertos", por certo, novo destino  
Mesmo em "fantasia" sem ter você

Das "Estrelas", que pena! Estão indo embora  
Centenas delas pelos "Céus" evaporando  
O coração chora! Por saber não mais as ver cintilando  
Em verdadeira "delícia" como estava até agora

A emoção permanece de mansinho  
Pois fora da "relva" irei estar  
Partindo à procura de outro "ninho"  
Para somente de você poder recordar



# QUÃO FÁCIL MUDANÇA

*Por Joaquim Cândido de Gouvêa*

“Sóis” não mais ficam, agora, se vão  
“Luas” com suas “Luas” não permanecem  
“Céus” banhados por Estrelas olvidam encantos nos cintilares  
“Estações” se aninham em verdadeiras mudanças

Dores... por sua vez - quanto mais infindas e piores - infestam ao coração  
Ao avesso do esperado, lá bem fortes se rejuvenescem  
Totalmente travesso o interior em piores patamares  
Ao observar tal “rastro”, por mudança, criar outra “esperança”

De que o “Sol” com sua força irá brilhar  
Nova e bela energia para se viver e sonhar  
Com o carinho do “Luar” esbanjando seu poético amor de verdade  
E chuvas intensas de “cintilo”, sem sombras, e em nós repousar com intimidade

Reexaminados, caminhos abertos agora a seguir  
O amor, então, mais sereno  
Resolve-se ficar em abandono, por completo, daquele partir  
Ah! Gente! Como “este” Belo Mundo torna-se pequeno!





# PARA MIM

*Por Joaquim Cândido de Gouvêa*

Sem perceber, senti acordar a saudade  
Ingênuo, deixei que ela voltasse até a mim  
Foi chegando devagarinho! De cada tempo... um pouquinho  
Aguçando belos momentos que poderiam voltar  
Bem imaginava não ser verdade  
Retornar o antigo “amor” ... tudo enfim  
Na hora, “imaginações” de que não estava sozinho  
Novas ideias do retorno, com rara felicidade, a me amar

Não mais o avaliando, senti mais de perto a saudade  
Que, vez por outra, sonolenta me rodeava  
A cada instante tentando se aproximar  
Eu tremia de frio de tanta lembrança  
“Ela”, acordada, surgia “saliente” com intensa vontade  
Meu corpo balançava... o sangue, no interior, borbulhava  
Realmente era a maldade para me atizar  
Assim, totalmente envolvido guardava nova esperança

Por fim, indagações: por quê acordei essa saudade  
Que tão insolente me amava  
Em mim, como se fosse aquela antiga pessoa  
Bem juntinho à minha frente flertando alegria  
Que, em idos tempos, jurava euforia, pura felicidade  
Embaralhando fantasias que somente me amava  
Envolvido... agradecido... sorria à-toa  
Mas sem graça, por evidenciar que tal saudade somente mentia



## SOBRE O AUTOR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo Poemas publicados mensalmente, no Brasil, na – REVISTA CONEXÃO LITERATURA – em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024 e bimestralmente no Jornal JCP em Cruz Alta-RS. No exterior, destacada participação no Projeto da Editora Colibri em Lisboa – Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive meu início na Edição 06 e, agora, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação, participação com doze Poemas nos Livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL e ESCREVER FERNANDO PESSOA.

Tenho editado Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros de Poemas, com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE...

No mesmo passo, dois outros Livros de Poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a Editora ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, dois Romances com os Títulos: ARDENTE ENCONTRO e SEIS MESES.

Possuo Menção Honrosa concedida ao meu Poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Particpei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA na ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou ACADÊMICO, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco Letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea\_

Email: mjgouvea@hotmail.



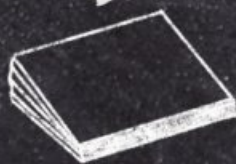
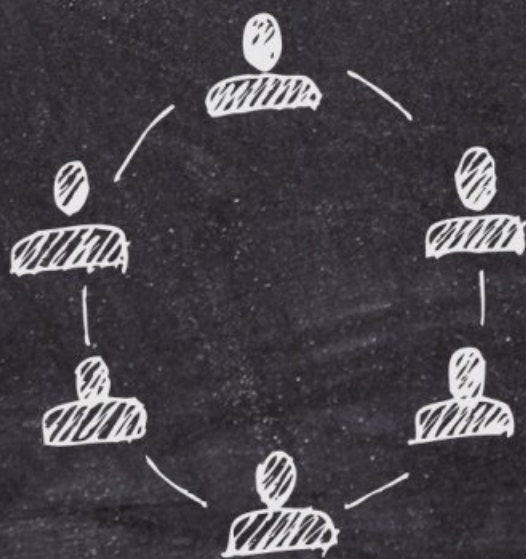


MAIS UMA PÁGINA DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



APRENDA COM

CONEXÃO  
GRAMÁTICA



SIGA-NOS:



[www.facebook.com/conexaogramatica](http://www.facebook.com/conexaogramatica)



[www.instagram.com/conexaogramatica](http://www.instagram.com/conexaogramatica)





# VIDA-ESTAÇÃO

**POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA**


Há dias em que sou terra sofrida.  
Não sinto o puro orvalho me tocar...  
Plantação mirrada, em terra batida,  
esperando, ansiosa, a chuva chegar.

Há dias em que sou cana partida,  
rama seca, feito palha, a estalar.  
Sou solo, sem qualquer contrapartida,  
do qual bem pouco se pode esperar!

Há dias em que sou terra alagada,  
em busca de respiro e estiagem!  
Em todos os ciclos: a alvorada...

Entra e sai cada estação e a paisagem  
vai mudando, conforme a temporada...  
E o tempo roda... A vida é só passagem!

(In.: ENGRENAGENS POÉTICAS – Antologia SCORTECCI, 2024)



Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

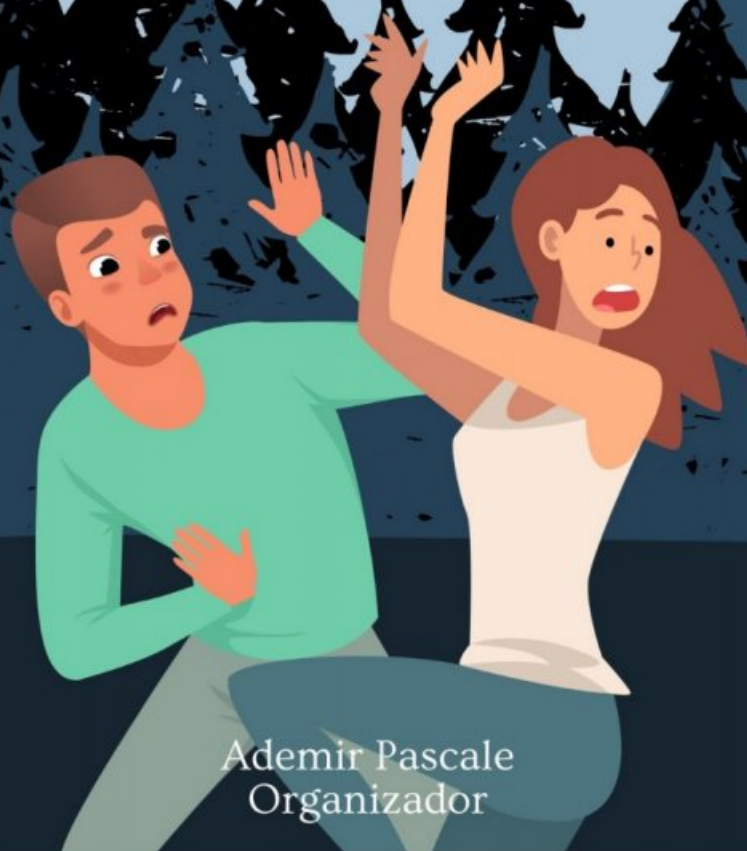


**PARTICIPE DA ANTOLOGIA**  
**CONTOS E POEMAS**  
**ASSOMBROSOS**  
**VOL. IX**

**CONTOS E POEMAS**  
**ASSOMBROSOS**

Vol. IX

E-BOOK



Ademir Pascale  
Organizador

saiba mais: [clique aqui](#)



# Entrevista exclusiva com Bia Barros

POR ADEMIR PASCALE



Bia Barros - Foto divulgação

Bia Barros é autora do romance *Madalena, Alice* que obteve menção honrosa no Prêmio Literário UCCLA – Novos Talentos, Novas Obras em Língua portuguesa –, publicado no Brasil pela editora Nós, em 2018. É formada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero e em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Estudou roteiro em Cuba, na Escola Internacional de Cinema e TV (EICTV) e, na Espanha, com bolsa da Fundação Carolina para o II Curso de Desenvolvimento de Projetos Audiovisuais Ibero-americanos. Seu segundo romance, *Peleja*, foi lançado em setembro pela Primavera editorial.

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Bia Barros:** Eu sou jornalista, então, meu ofício é a palavra e é por meio dela que tento compreender e ordenar o real. Minha estreia na literatura começou tardiamente, apesar de sempre flertar com o meio literário. Em 2016, eu trouxe minha mãe com Alzheimer, que vivia em Fortaleza (Ce), para morar comigo em São Paulo. Eu não tinha a menor ideia do que era conviver com uma pessoa com demência e o impacto que isso teria na minha rotina. Na época, não se falava muito sobre a questão do cuidado, e escrever foi a maneira que encontrei para falar sobre a dura realidade das cuidadoras. No Brasil, em quase 90% dos casos, é uma mulher que cuida do parente doente e que dedica, em média, mais de 12 horas diárias no trabalho do cuidado. A mulher envelhece nessa função e como o cuidado é visto como algo essencial do



feminino não há nenhuma política pública para ampará-la. Por isso, eu achei que a história dessas cuidadoras precisava ser contada. A Maria Rita Khel diz que “a narrativa transforma a vivência em experiência”. Ou seja, ela sai do âmbito individual e privado para se transformar em uma experiência coletiva, compartilhada socialmente. Nesse sentido, a escrita foi uma ferramenta muito importante para compreender que as circunstâncias nas quais eu me encontrava não se limitavam a minha experiência pessoal, mas eram um fato social, um fenômeno perverso de um país que está envelhecendo – e de forma muito precária.

Quando o romance ficou pronto, eu procurei a Ana Lima Cecílio, que estudou comigo na FFLCH, para perguntar se tinha algum valor literário e ela me incentivou bastante a publicá-lo. Por isso, acabei inscrevendo-o em alguns concursos internacionais e ele obteve menção honrosa no Prêmio Literário UCCLA – Novos Talentos, Novas Obras em língua portuguesa. Em 2018, ele foi publicado pela editora Nós, com o nome Madalena, Alice. Eu fiquei impressionada porque, apesar de ser um livro de estreia, ele me abriu as portas para o meio literário e me fez estar em lugares e ter contato com outros autores importantes. Contar essa história deu um novo sentido a minha trajetória de vida e entendi que é aqui que eu quero estar e é como



escritora que quero me definir.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Peleja". Poderia comentar?

Bia Barros: Peleja foi inspirado numa reportagem do El País sobre uma idosa que morreu sem que ninguém notasse sua ausência por longos quatro anos. Na época, o Brasil estava em plena campanha eleitoral e todo mundo receoso de uma volta ao regime autoritário por causa da aproximação do Bolsonaro com os militares. Então, eu pensei em contar a história dessa mulher como uma desaparecida política da época da ditadura civil militar brasileira. Por



meio das suas recordações e alucinações, a personagem rememora os crimes cometidos pelos militares e tenta fazer justiça com as próprias mãos.

No mundo real, Bolsonaro ganhou as eleições, veio a trágica pandemia, as tentativas de golpe e o livro foi se redesenhando, a tal ponto que se transformou em outra coisa. Infelizmente, no Brasil, os crimes do Estado foram – e continuam sendo – anistiados e isso traz consequências nefastas, como estamos vendo agora com essas repetidas tentativas de golpes. Na Argentina e no Chile abriram os arquivos da época das ditaduras e alguns dos militares foram responsabilizados pelos crimes que cometeram. O Brasil não fez isso e, por isso, esses agentes continuam usando a máquina estatal para praticar crimes, com a certeza da impunidade. Vide a morte da Marielle Franco, que trouxe todo o modus operandi usado no período da ditadura militar: uma pessoa infiltrada no partido para espionar a oposição, um agente do Estado arquitetando um crime e as instituições se articulando para ocultar as provas da Justiça. Enfim, para a gente entender o que está acontecendo hoje, no nosso país, a gente precisa se atentar a essas continuidades, as permanências desse modelo. A memória não é simplesmente uma recordação do

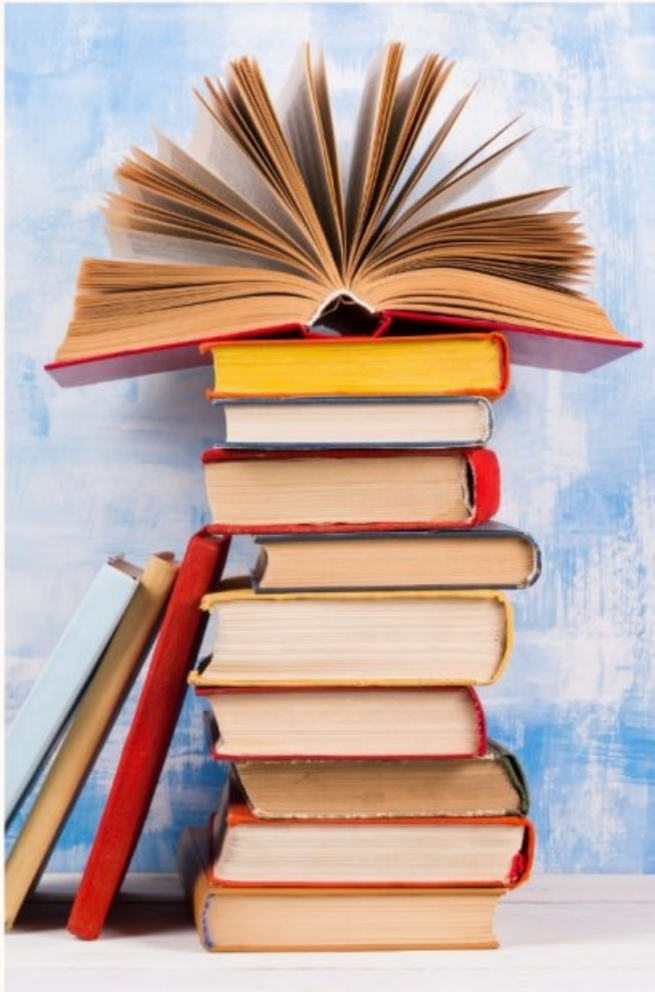
passado. Ela é uma explicação do que a gente vive hoje no nosso presente.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Bia Barros: Cada livro tem o seu próprio processo. A maneira que escrevi Madalena, Alice não foi a mesma que escrevi Peleja porque as urgências eram outras. O primeiro, eu escrevi completamente “possuída”, na força do ódio. Em Peleja, as próprias circunstâncias, foram se compondo ao longo dessa história, transformando o projeto inicial, que era a história do desamparo de uma idosa que morreu completamente esquecida, em algo muito mais político.

A Rosa Montero tem uma frase que eu gosto muito no livro “O perigo de estar lúcida” sobre o processo criativo. Ela diz que “os romances são delírios controlados para tentar sustentar uma realidade precária demais”. Acho que todo processo criativo vem disso: dessa tentativa de ordenar o caos. De torná-lo compreensível, ou no mínimo, palatável. Meu processo criativo vem desse contato com o real. De um fato que me incomoda, que me deixa indignada e que eu tento dissecar, compreendê-lo. Por isso, leio, pesquiso e me debruço sobre o tema grande parte do meu tempo até começar a “incorporação” dos





personagens e começar o processo da escrita em si. E, lógico, isso só é possível porque o contexto atual permite que a minha indignação se transforme em uma narrativa que possa ouvida e expressada, a partir do meu lugar de fala.

A morte é um bom exemplo disso. A finitude sempre foi um tema da literatura. Mas, antes apenas um grupo mínimo de pessoas era outorgado a fazê-lo. E nunca aparecia quem limpava a bunda do doente. Hoje, quem limpa a bunda do doente não só saiu das sombras como pode falar – e vejam só que ousadia – até

escrever um livro sobre isso, como eu. Então, a ideia da morte vai ganhando novas camadas, novas perspectivas sobre esse fenômeno. O universal passa a ser realmente Universal. Agora, essa vivência ordinária, ou até banal para alguns, tem a possibilidade de se transformar em um conteúdo que pode ser pensado, contado e discutido de um modo muito mais diverso e plural.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Bia Barros:

– Lembra de mim, Coronel? -- sussurrei no seu ouvido. Ele me olhava confuso, tentando se desvencilhar.

– Que injusto da minha parte querer que o senhor se lembre de mim, não é mesmo? Afinal, foram tantas as mulheres que vocês torturaram, estupraram, mataram! Eu fui só mais uma, mais uma que vocês deixaram parir nas matas e nas celas dos DOIs CODIs para doarem os filhos como se fossem filhotes de cães. Eu fui só mais uma, Coronel! Mais uma pendurada nos paus de araras, esquecida em celas, nas matas, nas valas ou no fundo do mar. Mais uma Desaparecida!

Mas eis-me aqui, Coronel! Esta velha feia, pobre e fedida, que o senhor está vendo aqui, bem diante dos seus



olhos, foi apenas mais uma das milhares de mulheres que por décadas e décadas vocês tentaram silenciar. Mas eu sobrevivi, Coronel. E hoje eu sou todas elas! E, em nome de todas nós, eu digo para o senhor, seu velho brocha, que vocês são uns parasitas que sugam o Estado e corroem as instituições, com o seu mundinho cheio de regras, insígnias e condecorações. Vocês passaram anos e anos chantageando um governo atrás do outro com a ameaça de intervenção porque não suportam a ideia de uma mudança estrutural. Vocês ameaçam a democracia com seu projeto colonizador porque querem garantir sempre os mesmos e caducos privilégios.

Fodam-se os seus soldos, as suas previdências, as pensões vitalícias das suas putinhas particulares!

Vocês se espalham como teias de aranha nas administrações públicas porque desejam ordenar o mundo da janela dos seus quartéis. (...) Vocês se alimentam do sangue daqueles que elegem como inimigo: os de esquerda, os pretos, as putas, as bichas ou os pobres. A guerra é sempre! Ela não acaba nunca. Porque é isso que permite que vocês continuem tramando os seus golpezinhas, os seus complôs. Vocês se nutrem dessa permanente instabilidade política para assegurar seus pífios papéis de mantenedores da ordem. Vocês esbravejam pela moral e pelos bons

costumes, enquanto, assediam, abusam, violam, imolam tudo o que tocam. Mas, hoje, eu me rogo a prerrogativa de vos julgar.

Hoje, sou eu, esta mulher invisível e mil vezes desaparecida, que vos sentencio e vos condena. Condeno com a mesma força bruta – e com a mesma arbitrariedade – que vocês nos sentenciaram durante todas essas décadas. Não vos ofereço a prerrogativa da inocência. Julgo com os olhos cegos e com as mãos tortas da Justiça, que vocês aleijaram.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Bia Barros: Pode comprar no site da editora Pri: <https://prideprimavera.com.br/produtos/peleja-livro-bia-barros-ditadura-militar/> ou nas livrarias de bairro ou em sites especializados na venda de livros.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Bia Barros: Uma pesquisa recente do Ipec mostrou que o país perdeu quase 7 milhões de leitores desde 2019. Cerca de 53% das pessoas entrevistadas não leram nem um livro





Foto divulgação

nos três meses anteriores ao estudo. Independente da classe social, o número de leitores caiu no país inteiro e temos agora praticamente só leitores de Bíblia. Essa queda tem a ver com a ausência das políticas de Estado voltadas ao Livro e a Leitura, a defasagem na Educação – a escola não é mais o lugar de estímulo à literatura – e as pessoas estão priorizando os gastos essenciais, de sobrevivência, aos que consideram supérfluos.

No entanto, apesar de todo esse cenário medonho, eu não acho que tudo está perdido. A produção literária está se pulverizando e encontrando outros nichos. Eu estive na comitiva de escritores que foi representado o Brasil na Feira

Literária de Bogotá e foi muito bonito ver o que está sendo produzido de literatura indígena, quilombola, periférica, uma literatura muito mais diversa, com representantes de todas as etnias, cores e regiões do país. Isso é apenas um recorte? É provável. Mas, apesar de ver que há um imenso desafio para alcançar leitores, acho há um movimento muito interessante que está acontecendo e que não pode ser ignorado. O mercado literário está se reinventando, construindo outras formas de chegar ao leitor, como os clubes de assinaturas, os podcasts, os audiobooks e uma série de canais e clubes de leituras que estão movimentando o setor e trazendo uma relação muito mais próxima do escritor com quem lê, apagando as



fronteiras.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Bia Barros:** Sim, um terceiro romance sendo escrito neste momento. E, recentemente, fui desafiada por dois amigos a escrever uma comédia. Eles comentaram que, apesar de ser muito brincalhona na vida pessoal, meus textos sempre tratam de temas muito pesados, densos. Confesso que isso me instigou. Apesar de ser cearense e ter a pressão de ser engraçada o tempo todo – e, talvez, por isso mesmo – a comédia me parece muito mais difícil de escrever. A comédia boa é sempre disruptiva e isso requer uma inteligência acima da média, na minha modesta opinião.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa

Um ator ou atriz: Anthony Hopkins

Um filme: Ainda estou aqui

Um hobby: Cinema

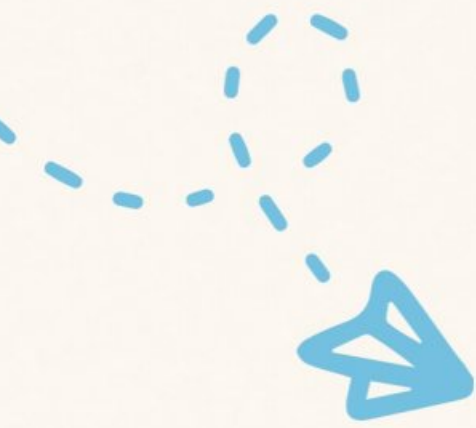
Um dia especial: o dia do lançamento dos meus livros

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Bia Barros:** Os cearenses vão dominar o mundo! 😊







# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

## A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ





# Entrevista exclusiva com Fabíola Fabrícia

POR ADEMIR PASCALE



Fabíola Fabrícia - Foto divulgação

Fabíola Fabrícia é uma poeta, escritora e professora piauiense radicada em Brasília há mais de três décadas. Foi na capital do país que Fabíola descobriu o interesse pela arte literária, musical, plástica, cênica e cinematográfica. É professora graduada em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas e Pós-graduada em docência do Ensino superior. Publicou: “Escritos Morgados” (2017); “Reflexões Poéticas” c/ Antonio Lima Martins (2018); “Poesia, literatura de ideias – Poetry, literature of ideas” (2019); “Lili Brownie” (2021); e “Alarido Poiesis” (2023). A autora também tem participações em diversas coletâneas nacionais e internacionais.

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Eu cresci em um ambiente de pessoas veteranas, então desde criança fui estimulada a ler histórias infantis, ouvia muitas histórias do meu avô materno que era uma pessoa de um conhecimento e experiência de vida admirável. As canções dos grandes compositores brasileiros também me inspiraram, já que a música e a poesia tem uma conexão muito forte. Então todos esses elementos mexiam com o meu imaginário e desde cedo despertou o meu interesse pela leitura, escrita e criação literária. Quando iniciei a minha vida escolar as aulas de português eram as minhas favoritas, adorava





Foto divulgação

produzir textos. Também posso dizer que eu tive sorte de ter bons professores de português ao longo da minha formação acadêmica. Acredito que todos esses fatores colaboraram com o meu desenvolvimento literário e profissional, pois além de escritora, eu também me tornei uma professora dentro da área de linguagens.

Conexão Literatura: Você é autora de cinco livros. Poderia comentar?

Tenho cinco livros publicados, sendo quatro de poesia e um de história infantil. Quando eu produzo uma obra eu tenho a intenção de dar uma identidade diferenciada para cada um deles. A minha primeira obra, “Escritos Morgados”, contém poesias comuns,

com temáticas voltadas para o cotidiano. A segunda obra, “Reflexões Poéticas” foi escrita em parceria com o poeta, cordelista e trovador Antonio Lima Martins (in memoriam), a proposta desse livro era construir versos de dois poetas de gerações diferentes e a partir disso elaborar poemas que expressassem as inconstâncias da vida. A terceira obra, “Poesia, literatura de ideias – Poetry, literature of ideas”, traz um formato bilíngue português/inglês com versos livres e com temas aleatórios. A quarta obra, “Lili Brownie” é um livro infantil que aborda a temática bullying nas escolas, também é bilíngue português/inglês. E o quinto livro, “Alarido Poésis” é composto por versos minimalistas,



português/espanhol. Cada obra tem um diferencial, uma personalidade, uma essência.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

O meu processo de criação é construído a partir do que existe ao meu redor, do que eu sinto e de como tudo isso impacta em mim. Nesse sentido, eu gosto de citar Ferreira Gullar, pois certa vez, ele fez um comentário muito bom sobre isso: “Se não houver espanto, não há poesia”. E é assim mesmo que funciona, não tenho o hábito de escrever todos dias, eu escrevo apenas quando me deparo com alguma situação que me desperta um frenesi. Posso dizer que as minhas inspirações estão na naturalidade em que vejo a vida. Nos meus poemas eu falo muito da vida porque é o que nos impulsiona a buscar o sentido para ela, de nos mantermos vivos, seja na alegria ou na tristeza, tudo depende de como recebemos essas sensações. Cada um tem uma história e a poesia faz o papel de descrever tudo isso de maneira tênue. A natureza também é um cenário que me inspira muito.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Eu vou citar a poesia “Versos” que faz

parte do meu terceiro livro “Poesia, literatura de ideias – Poetry, literature of ideas” edição bilíngue português/inglês. Esse sucinto poema representa muito para mim.

Verso

Versejo o que sinto.

Sonho em escrever algo grande, já que dentro não cabe tanto.

No papel em branco transcrevo o que transborda.

Verse

I write what I feel in verses.

I dream of writing something big.

For inside of me there's no more room for poetry.

On the write pages I put down my feelings.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

O leitor pode entrar em contato comigo através do instagram @fabi.poetry. A página é atualizada sobre as minhas produções literárias e venda das obras.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Percebo que a leitura no Brasil está muito diversificada, isso é muito bom, pois aumenta o número de leitores



que adquirem livros em vários gêneros. O formato dos livros não apenas físicos, também são atrativos para os leitores que gostam de ler por e-book ou em narrativas adaptadas para HQ. Atualmente eu considero a leitura no Brasil muito acessível a todos. Falando da leitura de uma maneira mais abrangente, considero uma prática universal que nos possibilita leveza, criação e reflexão. Tem o poder de nos instigar para novas interpretações. Sem precisar tirar os pés do chão, alcançamos através da leitura, os horizontes mais longínquos que possam existir no nosso meio e no nosso imaginário. Afinal, a leitura nos leva a fazer uma análise e reflexão sobre o comportamento humano, sendo de uma maneira simples ou complicada, mesmo que às vezes esse hábito seja pouco usufruído por algumas partes. Os livros estão inseridos na sociedade através da linguagem humana manifestada de forma crítica, altruísta ou em alguns casos misantrópico, dependendo da relação que o leitor tem com o texto.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

O próximo lançamento será a participação em duas antologias, “Versos sem Fronteiras: Poesias em Português e Inglês” e “Entre Linhas e

Sentimentos” e a 2ª edição do meu livro infantil “Lili Brownie” - bilíngue.

Perguntas rápidas:

Um livro: Poema Sujo, de Ferreira Gullar.

Um ator ou atriz: Raul Cortez.

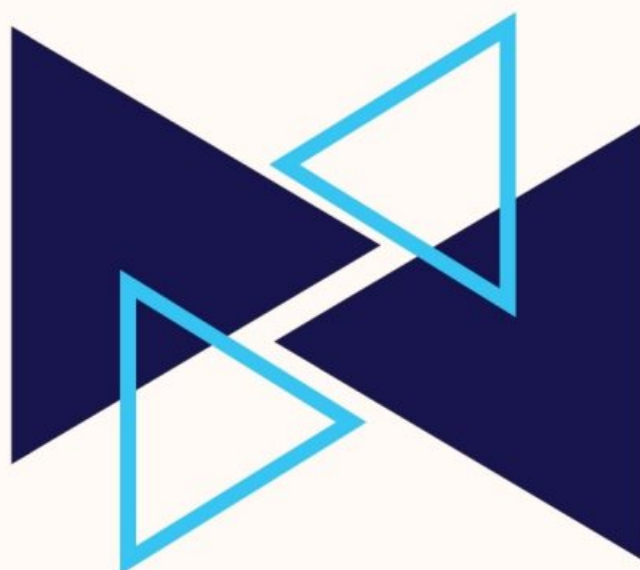
Um filme: O silêncio dos Inocentes.

Um hobby: Degustar bons vinhos e refletir.

Um dia especial: O dia do meu casamento.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

A poesia nos proporciona leveza e faz magia naquilo que nos cerca, na constante busca pelo amor, pela paz e pela esperança.









# Entrevista exclusiva com Júnia Paixão

POR ADEMIR PASCALE



Júnia Paixão - Foto divulgação

Júnia Paixão é poeta, escritora e professora. Graduada em Biologia, Mestra em educação, é professora da rede pública estadual de MG. Nasceu no Amapá, cresceu em Belo Horizonte e reside em Carmo da Mata/MG. Autora de 12 livros de poesia entre artesanais, e-books, infantis e tradicionais. Têm textos publicados em diversas Antologias e Revistas Literárias. Organizadora da Flicar – Festa Literária de Carmo da Mata, do projeto Flicar Conversando (conversa com escritoras e escritores de todo o Brasil) e do podcast ‘Uma pitada de poesia’ (Spotify). Editora na Revista Alpendre Literário. Integrante dos coletivos de mulheres Coletivo Vira Verbo e Coletivo Escrevientes.

Links relacionados à atuação literária:

@flicar\_carmodamata

@revistaalpendreliterario

<https://www.youtube.com/@festaliterariadecarmodatamat8938>

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Júnia Paixão: Escrevo há quase trinta anos, comecei escrevendo crônicas para jornais e alguns contos. Em 2008 criei um blog e o alimentava com diversos textos, na maioria



crônicas. A poesia chegou mais tarde, por volta de 2011, depois que comecei a ler mais o gênero e hoje ela é a minha principal forma de escrita. Em 2013, fiz um livro numa plataforma de autopublicação, uma reunião de crônicas chamada 'O último brinde'. Em 2014 lancei meu primeiro livro de poemas 'Um quarto de cortinas azuis'. De lá pra cá são mais de 10 livros publicados entre e-books, livros de poemas e infantis. Meu mais recente trabalho é o livro 'Pés descalços sobre brasas', editado pela Patuá nesse ano.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Pés descalços sobre brasas". Poderia comentar?

Júnia Paixão: Pés descalços sobre brasas é um livro gestado por mais de uma década. Ele traz poemas que contam vidas de diversas mulheres. Fala de cotidiano, envelhecimento, abuso, racismo, decepções, solidão e muitos outros temas que perpassam a vida de todas as mulheres. A principal motivação para escrevê-lo foi o incômodo de não saber o que se passava no íntimo das mulheres que me antecederam, saber quem eram elas para além de seus papéis sociais. Reuni também nos poemas do livro, histórias que ouvi, vi ou me foram contadas ao longo do tempo.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



Júnia Paixão: Não acredito muito em inspiração, embora algumas vezes ela se apresente na forma de uma palavra, uma situação que me despertam a atenção. Sempre fui uma pessoa observadora e a vida que se desenrola ao meu redor é o que me interessa, mesmo os fatos mais mezinhos do dia a dia.

Meu processo de criação é bem caótico, não tenho um horário de escrita determinado, mas trabalho melhor à noite. Hoje trabalho menos, mas quando meus filhos eram menores e eu trabalhava mais, escrevia quando dava. Lanço mão de várias técnicas, desde as anotações



em caderninhos ou bloco de notas do celular, até a escrita livre em um caderno, onde escrevo sem preocupação com sentido ou forma, depois releio e de lá saem muitos textos que são retrabalhados e se tornam poemas. Mas o mais importante é a leitura constante de prosa e poesia contemporânea (e principalmente de autoria de mulheres), isso é o que me alimenta e me oferece referências para escrever.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Júnia Paixão: Vou deixar aqui dois poemas do livro para os leitores.

### Cotidiano

Entre um gole e outro  
do chá fumegando na caneca  
Alda pensa na beleza  
das borboletas azuis

antes de partir o bolo  
recém-saído do forno  
sente saudades  
do natal de 63

o cardápio do almoço  
já voou da memória  
chora agora a ausência  
do primeiro e único amor

aquele sem nome

lhe oferecendo uma rosa  
ao pé da escada  
da casa da vó

\*\*\*

### Flamboyant

Da janela do décimo sétimo andar  
Rita namora um flamboyant

todos os dias  
mira fixamente a árvore  
ornamentando solitária  
recorrentes desejos de voo

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Júnia Paixão: A formação de leitores no Brasil precisa ser um esforço contínuo e sem descanso. Há poucos dias saiu o resultado da pesquisa Retrato da leitura no Brasil, do Instituto Pró-livro e perdemos cerca de 7 milhões de leitores desde a última pesquisa em 2020. Há dez anos desenvolvo projetos literários com foco na formação de leitores na minha cidade e região. Sou professora de escola pública e entendo que a escola é o principal lugar que esse trabalho precisa acontecer de forma efetiva, pois é onde muitas crianças e adolescentes têm o primeiro contato com a literatura. Porém isso ainda não acontece como deveria, devido à falta de uma mediação de leitura bem





formada e comprometida. A grande maioria dos professores não são leitores e só podem formar novos leitores aqueles que carregam esse hábito consigo, não tem como ser diferente. Portanto acredito que todos aqueles que estão inseridos no meio literário de alguma forma, sejam escritores, editores, divulgadores, e no meio educacional, precisam assumir essa função mediadora, pois, somente com a união de esforços poderemos mudar esse quadro no país. A literatura é antes de tudo, como diz Antonio Cândido, um direito humano, e precisamos garantir esse acesso.

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Júnia Paixão:** Meu livro está disponível no site da Editora Patuá e nesse momento tenho exemplares comigo também. Podem entrar em contato comigo pelo direct de meu Instagram @junia\_paixao para combinarmos o envio.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Júnia Paixão:** Por enquanto não estou trabalhando em nenhum outro projeto. Nos últimos anos produzi muito, às vezes mais de um livro por ano. Agora vou fazer o trabalho do Pés descalços sobre brasas com o público antes de focar em um novo projeto de escrita. Mas além de escrever, edito uma revista literária (Revista Alpendre literário) e realizo uma Festa Literária (Festa Literária de Carmo da Mata) em minha cidade, então esses projetos estão sempre em alguma fase de desenvolvimento.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Bagagem – Adélia Prado

Um ator ou atriz: Laura Cardoso

Um filme: Sociedade dos poetas mortos

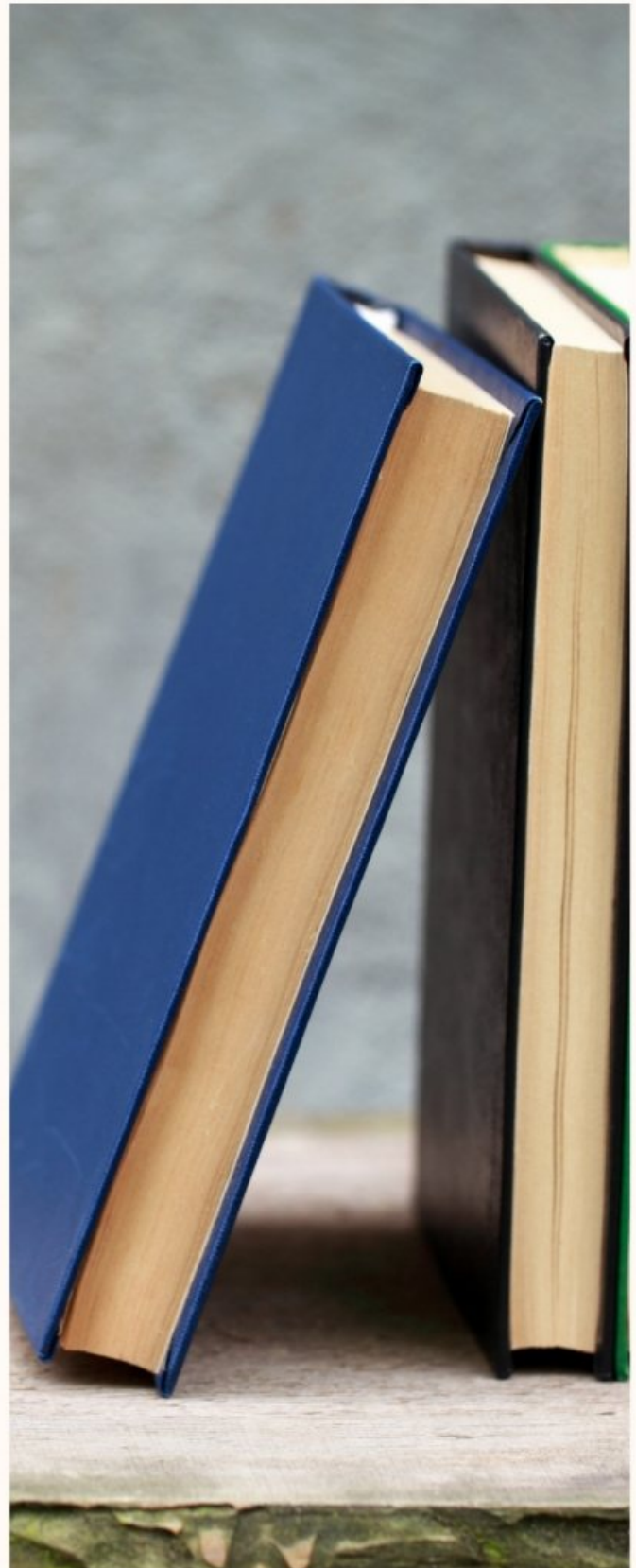


Um hobby: artesanato

Um dia especial: O dia de hoje, é só o que temos

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Júnia Paixão: Uma coisa que tenho repetido ultimamente é a necessidade de apoiar, conhecer e ler a literatura contemporânea brasileira que é muito rica e diversa. Ler autoras e autores vivos, que possam interagir com o leitor, trocar experiências, isso é muito potente. Claro que os clássicos são importantes e ocupam um lugar inquestionável na formação de todos nós, mesmo que o cânone apresentado, principalmente nas escolas, não traduza na íntegra a produção literária de outras épocas, muitas mulheres importantes e que fizeram parte do cenário literário em seu tempo, foram alijadas desse cânone e precisam ser resgatadas. Porém é urgente que se faça essa busca por obras, autores e pequenas editoras de hoje, que fazem literatura aqui e agora, que estão fora do eixo Rio-São Paulo e que produzem muito e com qualidade. E por fim, quero agradecer pelo espaço e parabenizar por esse trabalho importante de divulgação.





# PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



## Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



## Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



## Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

## Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)



## Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

**NÃO PERCA TEMPO:** encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)



# Entrevista exclusiva com Marcos A. Junior

POR ADEMIR PASCALE



Marcos A. Junior - Foto divulgação

“Marcos A. Junior” é natural do Recife-PE, tem duas formações acadêmicas, mas só alcançou o nirvana profissional ao ingressar no universo literário. Começou a sua trajetória no final de 2015 e desde então acumula 18 livros escritos. Dentre as obras publicadas, nos aventuramos com a vida do garoto Herbert, em “Herbert Flinch – O Manipulador de Sonhos”. Também deu vida a Thomaz, um aspirante a escritor que relatou os momentos sórdidos que passara, na obra “Cem Dias Na Prisão”. Além dos citados, também publicou trabalhos mais voltados para a área comportamental humana, em crônicas relacionadas ao amor e outras duas composições poéticas. Como criação mais recente, publicou uma autobiografia intitulada “Eu sou um grave acidente”, que traz como marco primordial um acidente que transformou completamente a sua vida.

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Marcos A. Junior:** O meu início no universo literário foi um tanto “diferente” apesar de





Foto divulgação

muito comum. Quando cito que meu princípio foi divergente, atesto isso porque a literatura nunca me foi um entretenimento habitual. No período do ensino médio, época em que os livros paradidáticos são exigidos, tenho recordação de ler apenas um dentre tantos, e nem foi um dos clássicos. Porém, lá pelos anos de 2009/2010, quando fazia parte de uma banda de garagem de pagode, onde escrevi 40 letras de música (todas perdidas em um curto elétrico), foi que percebi que realmente possuía uma facilidade para escrever. Apesar dessa percepção, apenas no ano de 2015, quando estava tomado por problemas no emprego, trabalho e, como consequência, em todas as demais esferas existências possíveis,

que, através de um diário, escrevi o meu primeiro ‘amontoado de palavras’, digamos assim. Desde então, não parei, em momento algum, de expor tudo o que minha vinha à mente, seja em forma de poesias, crônicas, obras, vídeos e qualquer formas de arte ademais.

Conexão Literatura: Você é autor de vários livros, poderia comentar?

Marcos A. Junior: Acredito que todas as minhas obras são tentativas de “curar”, mesmo que minimamente, perturbações, sejam elas próprias ou de terceiros, a nível existencial. O meu primeiro trabalho, elaborei a história de Herbert, um garoto que descobrira uma habilidade “especial” de voltar no



tempo e mudar os acontecimentos que lhe desagradavam. Esse é um poder, algo sobrenatural, inventado, mas que traz, em seu âmago, a importância das decisões em nossas consequências. Em seguida, contei a estória de Thomaz, um aspirante a escritor que descobrira a realidade carcerária no exato dia em que completara dezoito anos. A dureza vivida pelo personagem também é capaz de transformar a percepção dele, e de todos que leem a obra, acerca das durezas existentes na realidade e as que são inventadas também por nossas mentes pouco treinadas para tal combate, principalmente na jovialidade. Em sequência, separei textos relacionados ao amor, sentimento, mas também decisão, em crônicas que tratam de um assunto tão importante, apesar de hoje banalizado (e enxergado de maneira totalmente discordante de seu “sentido”). As duas obras seguintes publicadas foram coletâneas poéticas (125 em cada uma delas), mas não unicamente acerca do amor romântico. Em algumas delas também dei uma vazão maior a outras questões comportamentais humanas. Acredito que a poesia nos permite uma liberdade gigantesca, tanto de temas tratados como de construção, visto que, diferente do passado, os poemas hoje em dia são entendidos sem aquele apego excessivo à estrutura, com rimas e métricas, mas, ao menos nos meus, principalmente



pela mensagem a ser entregue. Na minha última realização apresentada, trago, nítida e abertamente, a minha história de vida. “Eu sou um grave acidente” é uma obra autobiográfica e de extremo peso, pois retrata em si o fato ocorrido, o acidente, mas não unicamente como um relato tátil. Essa obra possui uma força adicional pois também mostra como é possível, apesar de árdua, a transformação quase que completa de uma vida, em todos os caracteres imagináveis, pois, devido a todos os acontecidos naquela data, e também em sua sequência, não há como passar por algo tão drasticamente grandioso e simplesmente enxergar tudo da





mesma forma.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**Marcos A. Junior:** Acredito que assim como nos demais escritores, e artistas de outra vertentes, a inspiração seja algo incontrollável. Houve um tempo, na gênese da minha “alma artística”, em que eu houvera acordado de madrugada, às 3 horas da manhã, com algo dançando em mente, e anotado, quer seja num pedaço de papel ou no bloco de notas virtual, uma ou duas poesias, mas tal

mecanismo indomável me foi verdade em poucas ocasiões. O interessante na inspiração poética é que ela não respeita locais e períodos. Perdi as contas de quantas vezes os lembretes foram feitos no verso de um papel de treino de academia (eu sei. Parece um lugar totalmente improdutivo, mas comigo funciona há bastante tempo). Agora, apesar da ainda infância da minha carreira, tenho insights de textos, roteiros audiovisuais ou até mesmo pensamentos e poemas em todos os lugares que estou, mas sempre anoto, pra posteriormente desenvolvê-los. Tenho pra mim que o desenvolvimento intelectual e prático/produtivo se dá pela simples questão exposta no ditado popular “A prática leva à perfeição.”. A simples questão de ter essa “necessidade produtiva” exacerbada por tanto tempo fez com que eu desenvolvesse uma capacidade de enxergar a poesia de cada uma das coisas na realidade, transformando-as em versos/verbetes táteis, tocantes. Sobre as inspirações, acredito que a principal dela seja a necessidade/desejo próprios, e também a nível societário, por suavização da dureza de algumas questões existenciais, bem como a criação de possíveis compreensões/resoluções.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos



leitores?

Marcos A. Junior: Gostaria de destacar um trecho do capítulo final da minha biografia, intitulado “FIM”, que apesar de parecer um tanto depressivo, traz consigo uma compreensão alcançada e transmitida, acerca da beleza das eternidades diárias que temos nesta vida.

“Pouco importa agora se o ocorrido está me matando, pois essa é a lei da vida (mesmo que acelerada pelos fatos ocorridos), afinal, algo precisa o fazer, não é mesmo? Se assim não for, passamos a acreditar na insana possibilidade física, que, nesse caso, é a eternidade corpórea. Porém, ser eterno, em uma carne decrépita, sofrendo por órgãos que sofrem com o Alzheimer e nem sabem mais como se manter, forçando um apreço pela realidade, sendo essa uma verdadeira tormenta (a cada dia mais), não é do meu feitio.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Marcos A. Junior: O único livro o qual ainda tenho contrato vigente é a autobiografia, “Eu sou um grave acidente”, lançada no dia 23 de abril de 2023 (dia do meu aniversário). Você pode encontra-la através de uma

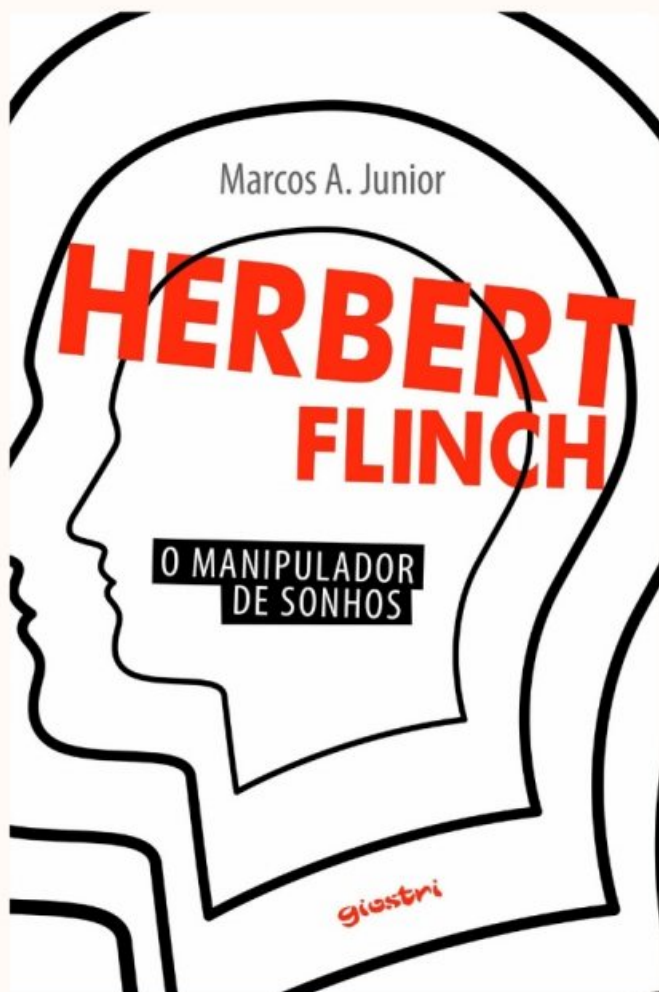
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



busca rápida no Google com o nome da obra, seguido pelo meu, encaminhando-o à página da editora “Astrolábio edições”. Um outro caminho, um pouco mais íntimo, digamos assim, e alternativo, é me procurar em minhas redes, através do @oescritormarcosajr, e tentar, por meio da conversa direta, a aquisição de um exemplar autografado. Pelo caminho das pesquisas virtuais também se pode encontrar as demais obras produzidas. Segue abaixo os nomes, pra facilitar.

Herbert Flinch – O manipulador de sonhos  
Cem dias na prisão





O livro do amor  
Elas por ele  
Pólen  
Eu sou um grave acidente.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Marcos A. Junior: Essa é uma questão extremamente difícil de ser comentada, além de ser pessoalmente revoltante. Eu vejo a literatura não só como uma forma de entretenimento, mas também como um refúgio na luta contra a ignorância. Porém, a “vulgaridade” existencial contemporânea, somada ao

imediatismo galopante em que vivemos inseridos, de modo generalista, acabam transtornando a recepção de informações. Esta é uma linha de pensamento básica e de fácil compreensão para todos. Conhecimentos fragmentados nunca irão nos gerar soluções completas. Essa demanda por respostas instantâneas, de curtas duração, é o que acaba com a exatidão/produtividade em qualquer que seja o aspecto existencial. É claro que, com uma condição depreciada, as outras irão cair sequencialmente, como um efeito dominó. Porém, apesar desse cenário extremamente dificultoso, de demanda e entrega, vejo isso também como uma possibilidade. Quanto mais as pessoas “quebrarem” a cara de outras formas, mais elas precisarão ser acalentadas por conhecimento, noções essas que unicamente podem ser alcançadas através do embasamento teórico entregue pelas obras literárias, sejam elas de caracteres técnicos ou existências. Por mais que pareça um pensamento um tanto mercadológico, capitalista, selvagem, essa é apenas uma solução para um mal que fora pessoalmente escolhido num passado nem tão distante assim.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Marcos A. Junior: Sim. Sempre tenho algo novo para apresentar aos meus



seguidores/fãs. Para o ano de 2025, tenho um projeto de lançamento de mais um conto denominado “Descobrimento”. Trata-se da história do descobrimento do Brasil, mas contada de uma perspectiva distinta, a dos índios. Também tenho um projeto audiovisual acerca de uma desilusão amorosa pessoalmente sentida, o que, nas mãos de um poeta, se transforma em material para evolução particular e dos que desejam “aprender” com as situações alheias. Além disso, já no primeiro dia estarei postando os novos layouts anuais das postagens e legendas reflexivas, bem como todas as mudanças que habitualmente ocorrem no início de anos. Com essas alterações, abre-se uma nova perspectiva acerca dos temas e subtextos das postagens diárias. Quanto livros, próximo ano não vai ser o de lançamento do meu novo trabalho, apesar de ter outros títulos prontos para publicação. Ainda preciso trabalhar na minha biografia, e também tenho outros problemas técnicos.

#### Perguntas rápidas:

Um livro: Nenhum em específico, mas indicaria qualquer um de teor evolutivo, reflexivo, de Mário Sérgio Cortella ou Luiz Felipe Pondé, bem como os de Stephen Hawking.

Um ator ou atriz: Robert Downey Jr, Will Smith.

Um filme: Qualquer um do Homem



aranha, mas especialmente o terceiro da primeira “fase”, Tobey Maguire, de 2007.

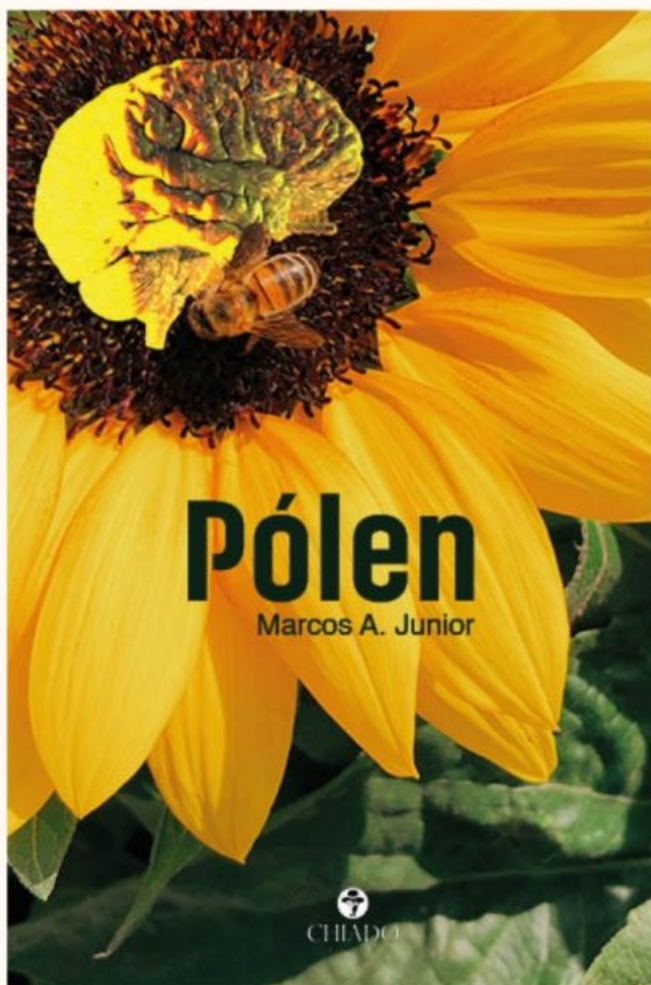
Um hobby: Antigamente, futebol. Em contemporaneidade, assistir séries.

Um dia especial: O dia em que finalmente passei a enxergar minha arte como uma “missão existencial”

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

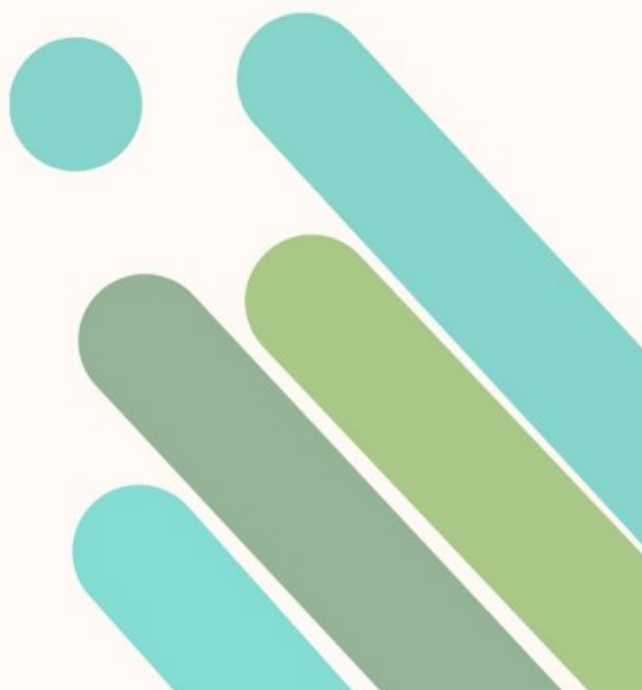
Marcos A. Junior: Tenho pra mim que nesse vasto mundo, ou até mesmo no enorme país no qual vivemos, existam pessoas incríveis que mereçam ter suas histórias contadas, talvez não em livros ou em textos, mas em uma



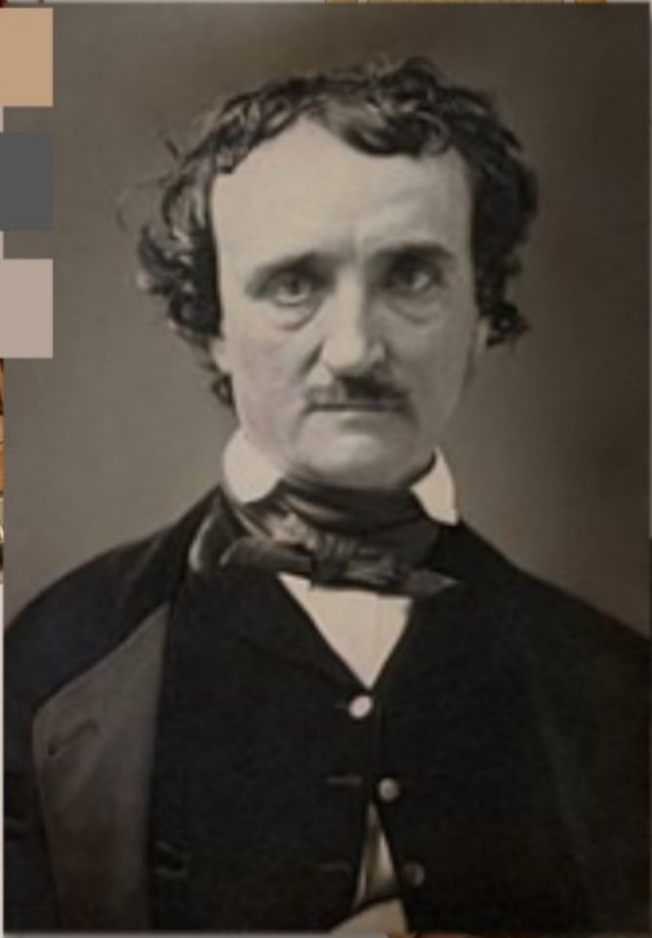


cedido para que o grande número de leitores possa conhecer a minha realidade e os pensamentos decorrentes de tal.

conversa, seja na mesa de bar ou em qualquer lugar mais agradável, e que isso terá a capacidade de engrandecer demasiadamente as vidas dos ouvintes, pois se podemos comemorar as vitórias alheias, também podemos aprender com seus erros. Acredito que assim poderíamos encontrar uma evolução pessoal mais frenética, o que aceleraria também as mudanças do ponto de vista societário, e isso facilitaria a vida de todos em caracteres existenciais distintos. Gostaria também de agradecer à minha amiga Izabela Reis, pelo intermédio, e à edição da “Revista Conexão Literatura” por esse espaço







lock(s)  
Bino Navachin

inspired by  
Russian costume Sarafan



citações  
 de grandes  
 autores

Revista  
Conexão Literatura





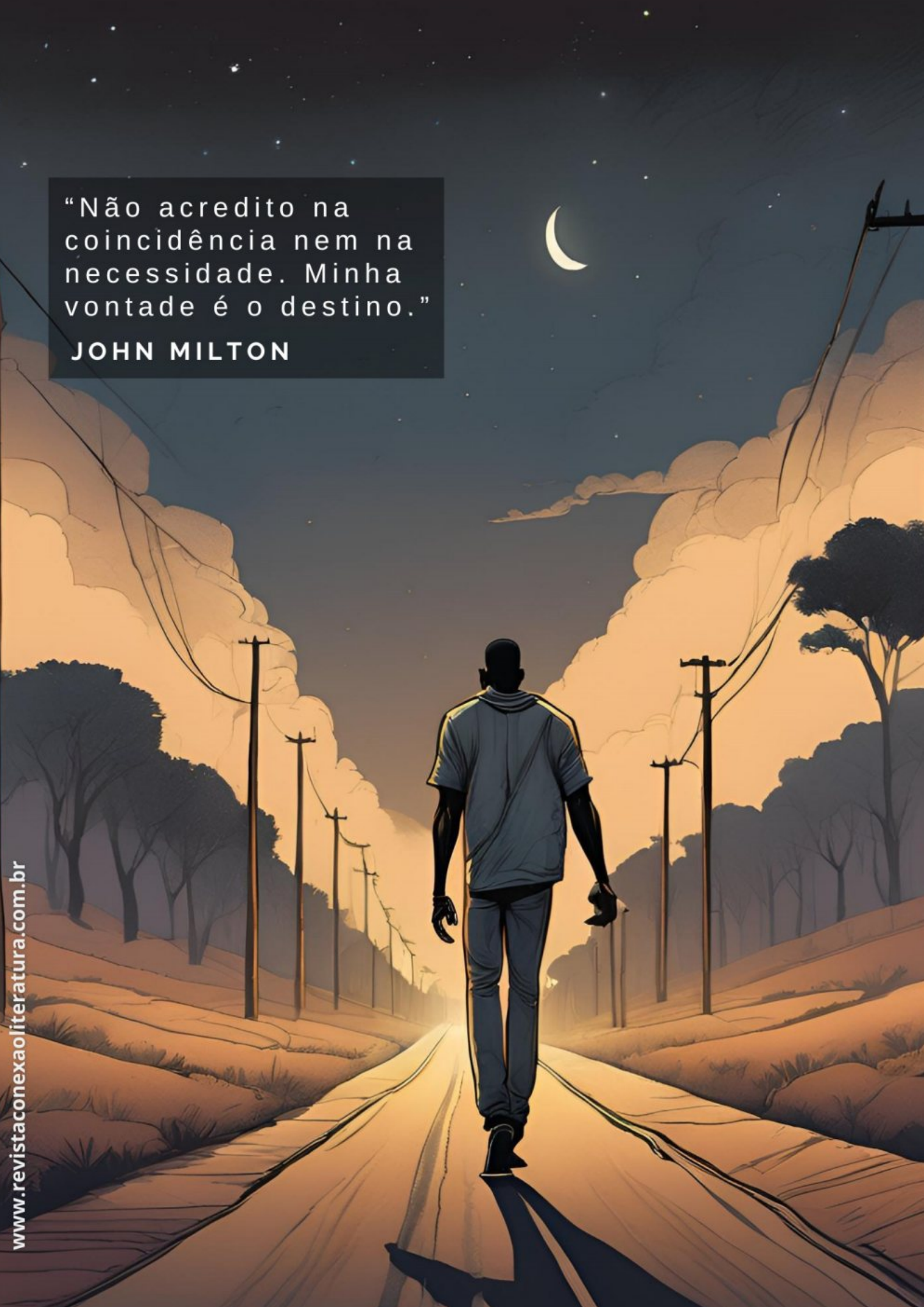
“Tudo o que vemos ou parecemos, não passa de um sonho dentro de um sonho.”

**EDGAR ALLAN POE**



“Não acredito na  
coincidência nem na  
necessidade. Minha  
vontade é o destino.”

**JOHN MILTON**







Ademir Pascale - Editor



participe das nossas  
**Antologias**

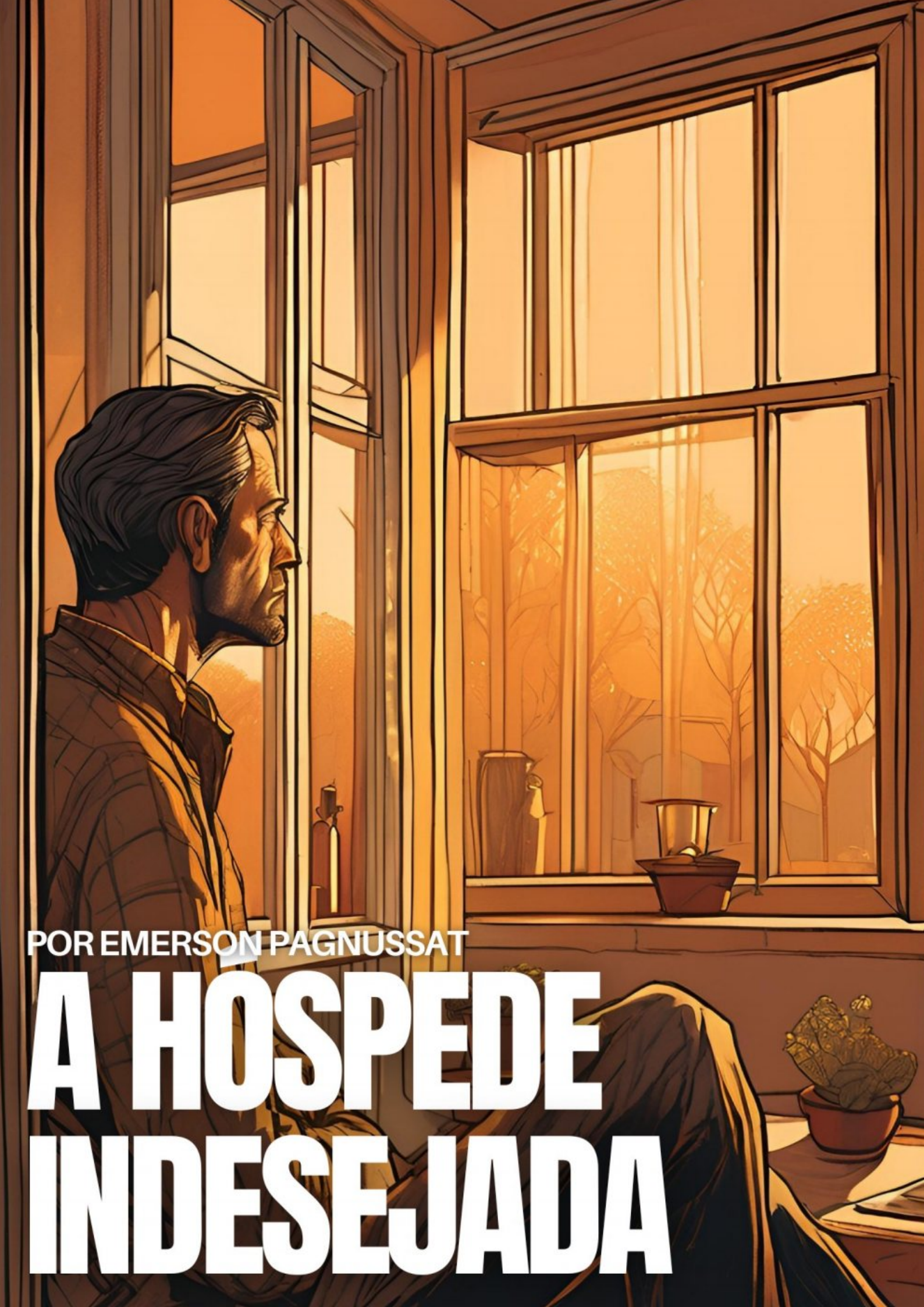


Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais  
CLIQUE AQUI

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)





POR EMERSON PAGNUSSAT

# A HOSPEDE INDESEJADA



**P**or que hoje eu sinto tanta saudade? Bem, contar-vos-ei, mas em segredo, apenas para vós, meus caros amigos. Sabei que a própria saudade vem constantemente me visitar. Hóspede por vezes malquista, aparece de repente, seja na calada da noite ou durante o dia.

É engraçado, em certas ocasiões, a saudade não tem pressa para ir embora. Já em outros momentos, de súbito, ela se vai. Entretanto, nunca sem se despedir, nunca sem dizer algo, mesmo que sejam apenas singelas reminiscências de outrora.

Ontem de manhã, por exemplo, acordei, mal abri os olhos, escutei um ruído estranho, então, lá estava, era ela, batendo na porta. Eu fingi que não me encontrava em casa – sei que é errado enganar, porém, em determinadas ocasiões, faz-se necessário. Fiz silêncio. Evitei formular qualquer tipo de pensamento que pudesse insuflar o acesso dela a minha morada. A passos leves, fui até a janela e dei uma espiadinha através do vidro, pensando ter me livrado da visita indesejada. Tudo em vão. A saudade é persistente e não vai embora. Usando de suas artimanhas, ela acabou passando pela porta e de mansinho invadiu a minha casa, penetrou por alvedrio na minha alma, que por necessidade chama de lar.

Vede! Em certos momentos, nos quais a saudade fica comigo, costuma trazer-me doces recordações, as quais encham meu coração de alegria. Porém, na maioria das ocasiões, o que prevalece são as tristes lembranças. E são essas tristes lembranças que me maltratam, pois elas trazem a presença incessante da ausência, levando-me as lágrimas. Eu nem ao menos consigo me defender. Então a minha alma suspira em silêncio e o meu corpo desfalece.

Ora, realmente seria bom poder escolher o momento exato da visita desta hóspede indesejada, porque se fosse assim, eu escolheria recebê-la durante o banho, pois as lágrimas se misturariam com a água que cai do chuveiro. Desta maneira, eu poderia ao menos expressar melhor a minha dor, sem qualquer tipo de comedimento. Ainda dizem por aí que homem não chora.

Hoje de manhã, a saudade se fez presente, mais uma vez. O que ela queria? Ainda permanece um mistério. Tencionou dizer alguma coisa, no entanto, ocultou as palavras. Talvez não tenha tido suficiente força para pronunciá-las. Vacilou por algum tempo. Senti-a um pouco tensa. Provavelmente, o que ela trazia consigo, não era nada bom. Quem sabe!

Então a saudade se foi. Pela primeira vez, sem se despedir. Sem dar ao menos um afago. Sem ao menos me fazer derramar uma lagrimazinha sequer. Naquele instante, o inesperado aconteceu: fiquei com o sentimento de saudade da própria saudade.

**Emerson Pagnussat** nasceu em Blumenau, Santa Catarina. Tem 34 anos. Se formou no curso de Letras (Português/Inglês) pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Atualmente, é graduando no curso de psicologia pela mesma universidade. Tem paixão pela literatura, principalmente por escritores russos como Nabokov, Dostoievsky e Tolstoy. Participou da ontologia "O Jogo do Amor - Contos e Poemas" com a narrativa "Anáfora" publicada pela Revista Conexão Literatura. Foi semifinalista na 4ª edição do concurso "MicroConto de Ouro" (2024), promovido pela Casa Brasileira de Livros, com o texto "Sinestesia".





Mergulhar em uma  
história é como  
**explorar um novo  
planeta.**



POR IDICAMPOS

# OS LUNÁTICOS





**A** fofoca, de boca em boca, foi implacável. Todos já sabiam que o ser humano feito um caranguejo, dava as costas para o futuro; partia pro ataque, invadia o quintal do próximo, cuspiam no prato que comeu, insultava o criador... Mostrava, diante da incapacidade de amar, a habilidade em odiar.

O império ruía, a riqueza vazava pela escotilha da história, o Tio Patinhas tinha deixado de estar são, acabara a sua majestade. Encalacrado, o poder assumia a máxima: a melhor defesa é o ataque!

Posta em prática a reação, armaram os contemporâneos, colocaram a religião no meio, meteram o nariz no sexo alheio, discriminaram a origem do semelhante, segregaram por etnia; fizeram das tripas o coração para promover a destruição de tudo.

Os adversários acoados pelo império do capital, botaram as barbas de molho, muniram-se do direito da sobrevivência. Caminharam na mesma estrada, investiram na indústria da morte, montaram as bombas; convocaram os cidadãos, foram bater ponto no front do apocalipse.

Os ricos, autores da guerra, como sempre, acenderam a fogueira, mas cagaram de medo. Lotaram os seus foguetes supersônicos, encheram a bagagem de suprimentos, deslocaram-se pro mundo da Lua.

No satélite natural do planeta, mantinham uma cidade espacial, gerada à energia solar, com todo conforto. Uma infraestrutura desenvolvida a partir da robótica, a classe dominante vencida a contradição entre o capital e o trabalho.

O sonho da burguesia, instalado na Lua, não dependia de mão de obra; possuía um sistema de manutenção social contínuo, ausente de gente, operado por botões, a custo irrelevante.

Do espaço, em frente às telas digitais, assistiam, no camarote sideral, à terceira guerra mundial. Apostavam fortunas, nas casas de apostas, nos respectivos exércitos e em quem acabaria com a Terra primeiro.

A sociedade humana passava fome, perdia os entes queridos, a morte fazia a festa. Explodiam as epidemias, morriam milhares de pessoas por minuto. Homem assassinando mulher, esposa capando o marido, irmão aniquilando irmão, filho destratando a mãe, o fim caía no precipício.

Na pátria amada, os milionários emponderavam a indústria bélica, defendiam o extermínio dos opositores. Os guerreiros e os ignorantes financiavam o genocídio da humanidade; os idiotas, sedentos de sangue, acabariam com o mundo.

Em contra partida, a classe dominante nacional desfazia do patrimônio sucateado, vendia as fazendas, sublocava os parques industriais. Com o dinheiro arrecadado investiam na Lua, davam no pé, iam fazer vidinha no paraíso lunar.

Os generais comandavam o conflito ao telefone, assistiam, sentados em escritórios de luxo, ao vídeo da batalha, mas exigiam o patriotismo dos soldados. As gerações do século XXI viam escorrer pelos dedos os sonhos de uma vida inteira.



No K 11, no último andar do morro, refugiaram-se os cachaceiros, os poetas, os filósofos, as prostitutas, os gênios incompreendidos; enfim, a resenha dos excluídos clamava por paz. Encontravam, numa convergência de sentimentos, a única coisa boa que restou na face da terra: a solidariedade.

Um cabeludo organizava a resistência, inflamava os correligionários a sabotar a tristeza, acreditar na esperança. A liderança acendia uma vela na escuridão, em meio à plebe, pronunciando: — Ainda existe saída!

O curioso esticou as sobrancelhas: — Como assim?

— Escafedendo pro espaço.

— Pra Lua?

— De jeito nenhum, na Lua vão nos usurpar de novo.

— Onde, então?

— Em Plutão, bem longe do atraso autoritário da ganância, livres da exploração do homem pelo próprio homem.

As prostitutas levariam toda forma de amor, os filósofos os bons pensamentos, os poetas o romantismo. A utopia dos revolucionários estaria garantida, construiriam uma sociedade alternativa, baseada em harmonia, recheada de criatividade. A religião teria por dogma a via do coração, o suor do trabalho mataria a fome, assim como a sede cessaria com respeito à natureza.

Um estraga prazer perguntou: — Quais as probabilidades de vida humana em Plutão?

O cabeludo, prontamente, respondeu na ponta da língua: — Mantenho contato, há anos, com os Plutões. Plutão é seguro, contém ar puro, água limpa, por do sol, porém teremos que nos adaptarmos à cultura dos anfitriões.

— Como assim? Indagou a bela fêmea.

— Os Plutões são vegetarianos.

— Isto é mole, tiramos de letra, respeitaremos os animais e trataremos a flora carinhosamente. Completou o poeta.

O filósofo, interrogou: — Como iremos ao destino?

— Desenvolveremos uma espaçonave que atingirá a velocidade da luz! Gritou o cabeludo, o cientista do grupo.

Os interessados prontificaram apoio, deram força à façanha. O mecânico mostrou as mãos sujas de graxa, prontas pra empreitada; o electricista trouxe as ferramentas, mas também a fiação; o cabeludo manjava de linguagem digital; a mulherada sabia costurar; os demais esbanjavam boa vontade.



O projeto necessitava de um combustível capaz de transpor o universo. Uma substância potente o suficiente para alimentar o tanque do foguete. O cabeludo conduziu as pesquisas, a equipe científica concluiu por usar o hidrogênio.

Os cientistas, debruçados no conhecimento, estudaram exaustivamente, submeteram vários elementos químicos aos testes de combustão. Depois de incontáveis tentativas, encontraram hidrogênio, diluído, no gás humano. Diante dessa descoberta sensacional, a ida ao planeta Plutão estava garantida. Por amostra, deliberaram que os peidos explosivos seriam a matéria-prima do potente combustível.

Criaram a linha de montagem para a confecção do ônibus espacial, com capacidade de transportar 220 pessoas. Uma invenção extraordinária, colorida, confortável, arejada, com piscina, área de lazer, churrasqueira; uma acomodação digna de uma tripulação excepcional.

Os passageiros do coletivo deveriam — por força de regra — manter as cabines em bom estado de conservação durante a longa viagem. Além de assinar o termo de compromisso, comprometendo-se a gerar o combustível necessário ao itinerário.

A invenção foi batizada de Fênix, o colosso interplanetário, nunca visto antes, uma bravura da tecnologia; agora a classe operária iria ao paraíso. Apertaram os cintos, acomodaram as incongruências, fecharam a bagagem lotada de alimentos.

O piloto ligou o possante, o motor roncou, o troço levantou voo, atravessou os limites geográficos do planeta Terra, em plena velocidade da luz. Partiram rumo ao futuro, perdidos no espaço, desconstruindo conceitos a procura da paz profunda, em busca da evolução da raça humana, o fim protagonizando um novo começo.



**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.





# PACOTE

## DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

DIVULGUE O SEU  
**LIVRO** CONOSCO

- **DIVULGUE  
PARA + DE  
900 MIL  
LEITORES  
POR**
- **R\$ 180**



[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)**



# OS SAPATINHOS DE VERNIZ

POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE





Já eram meados de novembro e, como em todos os anos, Edvaldo fazia questão de acompanhar a esposa Janaína e a pequena filha do casal, Mariana, na procissão de Nossa Senhora da Apresentação, padroeira de sua cidade, Natal, capital do Rio Grande do Norte.

Ele não tinha muita instrução. Conseguiu concluir o segundo grau com muito esforço, pois necessitou trabalhar meio período para ajudar no sustento da família, composta pela mãe Joana, o pai Francisco, que fora aposentado precocemente em virtude de um acidente de trabalho e os filhos, com ele sete, de variadas idades. Pareceu-lhe que foi ontem, em sua memória, as lembranças da correria e das peladas aos fins de semana no campinho perto da casa de Chicão, o melhor amigo de uma vida inteira.

Mas ao encarar a filhinha, de quatro anos, Edvaldo não teve dúvidas de que seus esforços valeram à pena. Era uma linda menina morena, muito esperta e falante, até demais da conta. Existiam momentos nos quais possuía sérias dúvidas sobre o fato da filha haver engolido algum aparelho eletrônico, televisivo ou radiofônico, quem sabe.

Trabalhava como motorista de ônibus na Capital. Era uma rotina que seguia com gosto pois, embora não pudesse negar que o trânsito era cansativo, adorava dirigir e tinha paciência e concentração no trabalho, o que seus colegas até achavam fora do comum.

Janaína trabalhava como manicure num salão de beleza situado no Bairro Capim Macio. Não era longe de onde viviam e ela conseguia se programar com os cuidados do lar e filha, ainda auxiliando o pai viúvo, que morava sozinho numa casinha de quarto e sala, na mesma rua em que residiam. Edvaldo havia conseguido alugar um bom sobrado com dois quartos, sala, cozinha, dois banheiros, área de serviço e quintal. Não podia reclamar.

— Papai, mamãe disse que a gente vai na procissão da padroeira no sábado! Ah, eu queria usar o vestido rosa que a vó Joaninha fez pra mim! Será que papai Noel pode trazer sapato de boneca logo?

Edvaldo mal acreditava no que ouvia. Aquele pequeno ser já se mostrava vaidoso e consumista. Não conseguia recusar pedidos da filha e era costumeiramente repreendido por Janaína. Mas o recebimento da primeira parcela do décimo terceiro se aproximava e não seria difícil dividir o pagamento de um par de sapatinhos para a pequena. Porém, precisava conversar primeiro com a esposa.

— Quem sabe, filha? Papai Noel deve estar muito ocupado mas você pode falar com ele em pensamento, porque é para festejar a santa!

A filha assentiu com a cabeça e voltou a mexer com as roupinhas de boneca que trocava, toda entretida.

Findo o dia, Mariana já acomodada em sua cama, o casal assistia o final de uma novela na televisão. No intervalo comercial, Edvaldo abordou o tema.

— Querida, o que você acha, a Mari disse que quer um par de sapatos de boneca para ir à procissão no sábado...



— Ai amor, ela está terrível, já foi falar isso para você? Pediu?

Edvaldo sorriu.

— Ah, ela disse que quer do Papai Noel...

— Bom, se é assim, se você quiser eu compro e no Natal damos uma bonequinha de preço menor porque ela precisa dar valor às coisas. Ela não para de dizer que quer sapatinhos brilhantes. São aqueles de verniz, sabe? Deve ter visto na tv em alguma propaganda.

— Concordo! Daqui a uns dias vem a primeira parcela do décimo e podemos pagar em umas quatro vezes, assim não fica puxado no orçamento. Quero nossa filha bem bonita para a procissão! A gente precisa passar pra ela uma boa educação e fé em Deus!

— Claro, também acho! Fico ouvindo minhas amigas e clientes do salão dizendo que é bobagem mas sinto que deve ser por isso que o mundo está tão maluco. Quando ela for adulta, decide sozinha, nós vamos fazer a nossa parte! Vou tentar assuntar qual a cor do sapatinho que ela quer, pode deixar! Ah, acho que depois do café da manhã, no sábado, precisamos contar para ela a história da Nossa Senhora da Apresentação!

Sábado, após Mariana engolir o último pedaço do pão com manteiga, exibindo um pequeno bigode de achocolatado próximo à boca, o qual Janaína limpou carinhosamente com o guardanapo, a última passou a conversar com a criança.

— Filha, preciso te contar uma novidade bem legal! Papai Noel trouxe os sapatinhos que você queria, de madrugada! Mas isso, acho que foi porque a gente vai à procissão hoje, de Nossa Senhora da Apresentação! Posso contar a história dela?

A pequena arregalou os olhos que sorriram de um jeito encantador. Apenas assentiu e ficou prestando atenção.

Janaína prosseguiu.

— Há muitos anos atrás, nas margens do rio Potengi, pescadores encontraram uma caixa. Não era longe da Igreja do Rosário. Dentro da caixa, havia uma estátua de Santa Maria, mãe de Jesus, com o filhinho no colo. Eles levaram a imagem ao padre, que a deixou no altar e deu o nome de Nossa Senhora da Apresentação, porque dia 21 de novembro é o dia da apresentação da mãe de Jesus no templo. Tinha também uma mensagem escrita dizendo que, onde chegasse a caixa, não existiria perigo!

— Mamãe, a estátua é que protege a gente?

Janaína esboçou um sorriso mas se conteve.

— Não, meu amor, quem protege é a santinha. Mas precisamos pensar nela, conversar com ela, é a oração que te expliquei. Iremos à procissão para agradecer nossa saúde e de toda a família e pedir que ela continue a nos proteger!



Mal puderam acreditar, Edvaldo e Janaína, no berreiro de Mariana após se ver arrumada diante do espelho da porta do guarda-roupa, antes da procissão, fixando os olhos nos sapatinhos pretos de verniz.

— Não, mamãe! Se eu usar os sapatinhos de boneca agora na procissão, eles vão sujar!

Após acalmarem a filhinha, explicando que sapatos são mesmo para sujar, ao que ela aceitou meio a contragosto, rumaram em direção à igreja, para acompanharem a procissão.

Bem sabiam que nem sempre teriam condições de acolher a filha, dando-lhe sapatos desejados. Ela iria aprender que os sapatos podem apertar, machucar e envelhecer. Que talvez os mais antigos e confortáveis sejam melhores. Mas acima de tudo, ambos gostariam que ela não deixasse de viver experiências por medo ou apego. Sonhavam que ela se tornasse, no futuro, uma mulher digna e feliz. Com fé em Deus, se possível.



**Luciana Simon de Paula Leite:** exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# POEMAS CONTEMPORÂNEOS

VOL.V

ORGANIZADOR  
ADEMIR PASCALE  
VOL. V

POEMAS  
CONTEMPORÂNEOS

E-BOOK

SELO CONEXÃO LITERATURA

saiba mais: clique aqui





# AMOR VERDADEIRO EXISTE?

POR MÍ SANTIAGO



Quando falamos em amor, logo vem na cabeça de muitas pessoas o tal do “Amor Verdadeiro”, mas será que existe? É tamanha a procura para quem não tem ninguém uma outra pessoa que seja parecida com nós mesmos. E como esta bobeira, isso mesmo, para mim sempre achei bobagem, logo nunca “dei bola” e muito menos deixei sequer de fazer alguma coisa para pensar neste tipo de amor, verdadeiro, assunto de vários contos ou muito almejado no filme “Malévola”, estrelado por Angelina Jolie.

Para quem sempre se considerou “um patinho feio”, buscar um amor verdadeiro logo soou como piada, devido as decepções amorosas. E assim a protagonista desta história, meus queridos (as) leitores (as), foi tocando a vida, sem ninguém, sem experiência sexual, com a família no interior de São Paulo, o que lhe restou foi focar na ascensão profissional.

Era uma mulher que beirava os trinta e cinco anos, de aparência um pouco robusta, trabalhava com terapia de casais, vejam só que ironia para quem nem tinha namorado, mas ela conseguia entender essa vida louca a dois! E baita profissional aconselhava, não media esforços para desatar nós e deixar a união de seus pacientes melhores.

Premiada como profissional do ano na empresa onde atuava há quase dez anos, recebera um telefonema, diferente dos demais.

— Gisela Lopez, gostaria de marcar um horário para um bate-papo, é possível, já que não sou casado, mas soube de sua capacidade.

— Temos aqui na empresa outros terapeutas que lidam com solteiros, posso indicar um deles...

— Me desculpe interrompê-la, mas já sei disso, pelo meu problema quero sua experiência.

E com insistência Gisela acabou cedendo e agendou horário; além do mais, aquela voz mexeu com ela, aguçando seus sentidos mais íntimos.

Na semana seguinte, dia da terapia com o desconhecido ela quis causar um impacto na imagem e se preocupou em caprichar um pouco mais em estar bem-vestida num conjunto cinza claro com um blazer chiquérrimo.

Ao abrir a porta aquele sorriso precedeu o homem por inteiro. Após ele partir, deixou a agenda livre pelo resto da tarde, pois não tinha mais forças sequer sair do consultório, sentia-se triste e angustiada com a dura missão de como ajudá-lo a conseguir uma namorada, alguém que o aceitasse com sua doença, sem o preconceito, e ela mesma também haveria de vencer os tabus que tinha procurando mais informações para ajudá-lo. Aquela seria sua missão mais importante que de fato valeria a premiação, por isso, buscou ajuda também com infectologistas.

O engenheiro civil estava determinado a conseguir alguém para relacionamento sério, não queria continuar solitário aos 40 anos. Frequentador de muitas festas quando mais jovem, desregrado e namorado, vida sem compromisso que o levou a pegar HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) no início de 2000; sem desenvolver a AIDS.

Mário estava desgastado, não por carregar o vírus, já que mantinha a risco o tratamento, aliás, era sua prioridade, mas pelo fato de sofrer muitos preconceitos, principalmente das moças, que sem entender que não se pega HIV com beijo ou aperto

de mão, com abraço ou passando a mão no rosto; ou então sentando no banco do carro ou abrindo a porta do mesmo, as atitudes pela desinformação acabam “matando” muito mais que a doença.

Consciente e sem rancor por ter se contagiado, usava agora preservativo nas relações sexuais, mas estava cansado das profissionais do sexo, queria ajuda para conseguir uma mulher para ser sua companheira, que o aceitasse e entendesse que HIV se pega em sexo sem camisinha, ou usando a mesma seringa por drogados, alicates de unha desinfetados, entre outras maneiras.

E com todo cuidado nas consultas, Gisela foi vencendo ela mesma o preconceito com o que chamava de “aquela gente”, e quanto mais ajudava Mário a vencer a barreira do preconceito, mas ela também se tornava uma profissional e uma pessoa melhor, com mais base e entendimento da situação. Desta forma, muito além das sessões de terapia, criaram laços de amizade, frequentando cinemas, restaurantes e passeios. Uma amizade sincera e um carinho mútuo brotou ao longo de quase dois anos de terapia.

Insistindo em uma pretendente que a levou para jantar, Mário sentiu, lá no fundo da alma, a tremenda falta que Gisela fazia em sua vida, deslumbrando, em suas memórias, o rosto da terapeuta, suas risadas gostosas, a maneira como conversava com ele, o jeito em que se importava com sua saúde sempre acreditando e estimulando-o a ser uma pessoa melhor, tudo isso veio à mente durante o encontro.

Não sendo indelicado, terminaram a janta e nada mais importava naquele momento senão levar a acompanhante para casa. Estava por deveras excitado com a descoberta da paixão pela terapeuta e não sabia se o sentimento era recíproco.

De mil planos que bolara para tentar conquistá-la, resolveu apostar na sinceridade mesmo, em olhar dentro de seus olhos e falar a verdade no dia da sessão.

Chegado o momento, o engenheiro tremia de nervoso, sentia tanta tensão que a voz foi ficando rouca, tosse nervosa, mãos molhadas e o sentimento de que não conseguiria. Por fim, tomou coragem e entrou no consultório.

Gisela o aguardava. Mário entra devagar e cabisbaixo.

— Preciso falar um assunto sério, diz ele. Acho que minha terapia chegou ao fim, consegui encontrar a mulher de meus sonhos.

Gisela não diz nada, as palavras dele a deixam sem ação. Acena com um leve sorriso sem graça e falso. Ela se levanta e pede licença dizendo que necessita pegar um formulário na secretaria e sai da sala. Na verdade, estava desesperada porque sabia que não seria mais útil, e vai a toailete para se recompor.

Ao retornar à sala uma grande surpresa a espera!

Mário a aguardava em pé com uma caixinha nas mãos. Nervoso e tentando segurar o tremor, foi logo falando...

— A sua presença em minha vida me fortaleceu desta doença maligna, que descuido e afoito às aventuras amorosas não me preveni, não usei preservativo e me contaminei. Consegui superar a depressão e melhorei graças ao tratamento, que será para sempre. Existe o Mário de antes, que jamais poderei apagá-lo. Ontem, durante um encontro com uma moça belíssima, pude sentir que a busca pelo amor terminou...

— Gisela, não saia da sala novamente, espere, diz ele segurando o braço da terapeuta, esta caixinha é para você.



Ela abre e vê um lindo anel.

— Já nos conhecemos há dois anos. Além da terapia, saímos muitas vezes e sua amizade conquistou meu coração. É você quem eu procurava todo esse tempo, então, selo meu amor com este anel de noivado...

Ela nem o deixou terminar de falar, pegou a caixa aberta, colocou o anel no dedo e o beijou fervorosamente. Se casaram em menos de um ano.

Conto de fadas ou amor verdadeiro, tanto faz quando o sentimento é amor! Nascido de uma amizade ou à primeira vista, sem preconceitos de qualquer espécie, o importante é deixar fluir e ser feliz!



**Mí (Míriam) Santiago:** jornalista e graduação em Letras. O “Livro Negro dos Vampiros” foi o *start* para a divulgação de várias histórias sobrenaturais, publicando ainda contos em gêneros diversificados em conceituadas editoras. Mensalmente contribui na Revista Conexão Literatura. Além de amar escrever, ainda se dedica à fotografia e leitura.

**Contato:** [miriansssantos@gmail.com](mailto:miriansssantos@gmail.com)  
<https://www.instagram.com/miriammorganuns/>  
<https://www.facebook.com/miriam.santiago.372>  
<https://miriammorganuns.blogspot.com/>

*Apoie a nossa causa*

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

**APOIA.se**



**Agradecimentos aos nossos apoiadores:**

Casa Brasileira de Livros - Roberto Schima - Mayanna Velame

**você também pode apoiar, acesse:**

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



# ARTICULADAS

POR MÓNICA PALACIOS



**U**ma família tradicional, numa cidade pacata. Oito irmãos e todos eles muito diferentes.

Existia um dia a dia pouco interessante já que os mais velhos partiam as vinhas para cuidar das parreiras. Os dois pequenos, dividiam seus longos dias entre o colégio e jogos no quintal.

Mas ela, era a princesa da família. A rainha do lar, sim, a mimada dos pais, irmãos, tios e padrinhos.

Ela era mole como uma ameba, frágil como uma borboleta, mas misteriosa como o olhar da coruja.

Até o nome, Priscila nos remetia a esse mundo do qual era a única sobrevivente.

A ilusão de mãe, avós, tias e madrinhas, era preparar as rendas e guardá-las no tradicional baú do enxoval, obsessivas na hora H.

As intermináveis conversas com a sua mãe, giravam em volta da emoção de um namorado, de um casamento, de uma família margarina e de entediantes viagens de férias com – naturalmente - o olhar vigiante de mãe e sogra.

Nessas tardes, os olhos brilhavam de só imaginar que, ao regressar a filha das férias, seriam publicadas as fotos da viagem no jornal da cidade e, assim, compartilhar a felicidade da filha com todos os vizinhos.

Verões e invernos passavam e Pricilha continuava aérea, enigmática e silenciosa.

Só um dia, quando todos os habitantes estavam fazendo a soneca da tarde, ela saiu e foi vista abraçando calorosamente a uma outra vizinha do mesmo quarteirão.

As duas pareciam familiares nesses afagos e até o momento não descobertas pela punidora cidade e pelas tradicionais famílias que abismadas ante tamanho desvio e desobediência familiar ficaram trancadas dentro de casa.

Os dias continuavam — aparentemente — sem grandes emoções embora entre Priscila e sua vizinha o calor do afeto e já o amor declarado só aumentava.

Parecia que até um pacto foi erguido entre as duas. Se casar até podia ser cogitado, seria um pacto múltiplo, só de fachada e assim manter o sossego da cidade e das respectivas famílias mas, jamais desistiriam de seu verdadeiro amor.

\*\*\*

**Mónica S Silva de Palacios** é Argentina, radicada no Brasil. Mestre em Literatura pela USP. Possui bacharelado em Literatura e Latim. Professora de Espanhol de diversas instituições e atualmente, autônoma, aplicando o seu próprio método de ensino de Espanhol. Publicou cinco livros infantis. Cartas de Manú - Aventuras de Filipo - A magia está dentro e Medos, nunca mais. Livro de Crônicas: Crônicas da presença. Participou de várias antologias e Publicações em Revistas literárias. Participou de Elos da Língua Portuguesa dos dois últimos exemplares assim como também de duas antologias do grupo de escrita literária coordenado pelo professor Alexandre Damascena: Nossos contos e O vento nas esquinas. Publicou, em coautoria a Coleção Parâmetros para o Ensino de Espanhol pela Editora Scipione.



Novos vídeos no canal  
**CONEXÃO NERD**



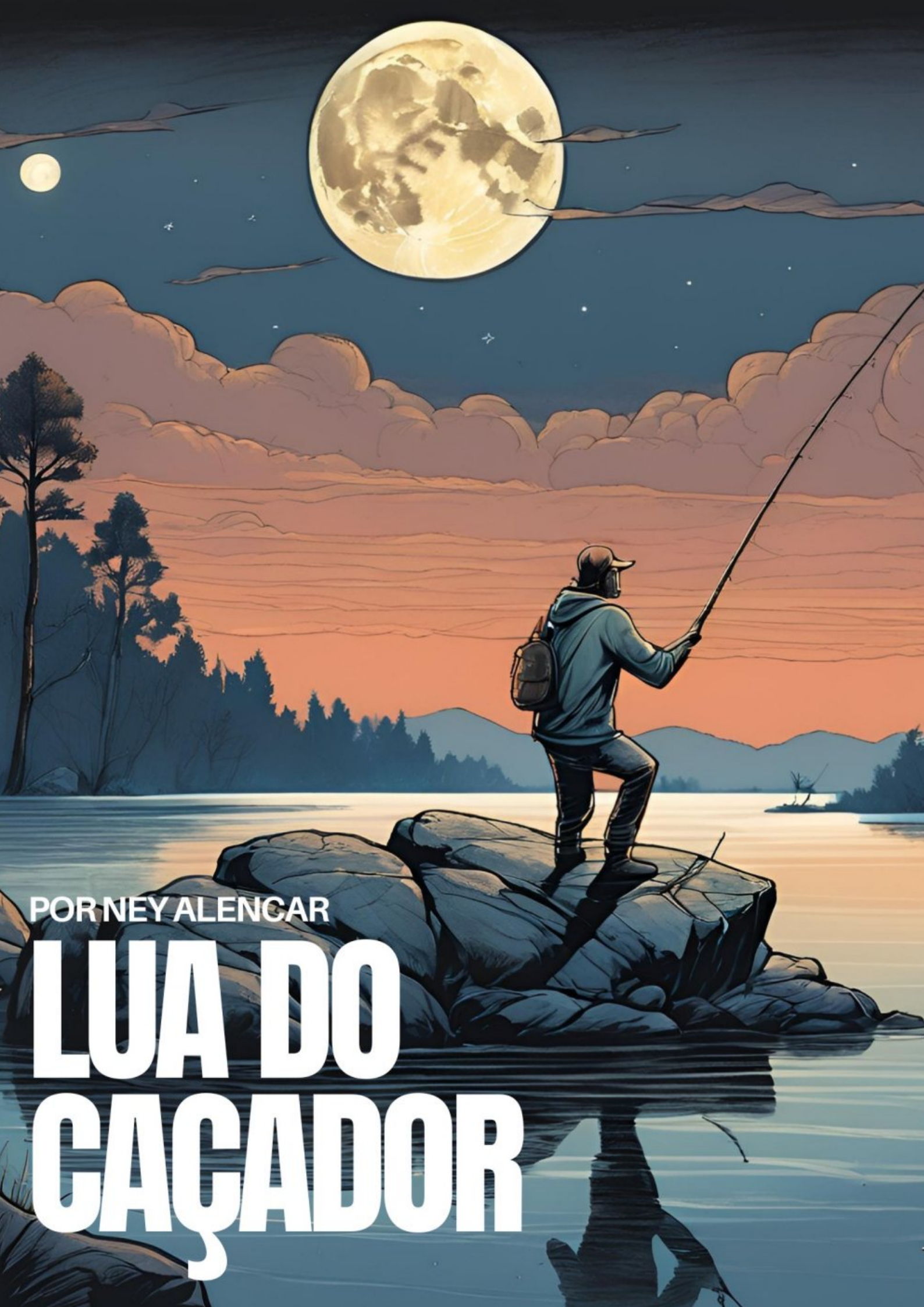
**INSCREVA-SE**

**[www.youtube.com/conexaonerd](http://www.youtube.com/conexaonerd)**

**APRESENTADO POR  
ADEMIR PASCALE**







PORNEY ALENCAR

# LUA DO CAÇADOR



1936. Montanha do Cavalo. Início do Outono.

O rosto alaranjado da Lua do Caçador descortinava-se, quase como se sorrisse, bem no meio da arcada do céu pontilhado de estrelas!  
Seus raios fantasmagóricos desciam em uma cortina feérica sobre as águas do Riacho Tonto em um cânion de mais de mil e quinhentos pés de profundidade que rasgava as terras graníticas do deserto como uma cicatriz perene na face do Portão do Inferno, atravessando toda a Borda Mogollon até o Rio de Sal!

Por suas borda uma miríade de vida animal e vegetal se contorcia e medrava!

A figura solitária do pescador destacava-se entrecortada em uma das margens íngremes, sacudindo sua vara de pesca para jogar uma isca quase no meio das águas serpentinadas.

Juníperos retorcidos e moitas de carvalhos o cercavam!

Ele não ligava.

Pensava apenas nas trutas arco-íris!

Viajara mais de mil quilômetros atrás delas!

Deixara tudo para trás!

O vento que ciciava pelos plátanos e salgueiros das margens o fazia esquecer todos os seus problemas, desde a esposa traiçoeira, que o tratava com desdém e o traía com todos os homens que conhecia, até mesmo com seu melhor amigo, até os concorrentes que queriam enterrá-lo em dívidas.

Mas ali, naquele lugar selvagem, ali ele estava em paz!

Veza por outra via um urso negro descer para pescar mais abaixo no rio, ou um leão da montanha ou um cervo que vinham beber água mais acima da correnteza.

Outras vezes um castor saía da água para roer o tronco de um carvalho menor ou mesmo de um salgueiro baixo, o barulho se espalhava como um ronronar suave pelo vale.

Nenhum deles se preocupava com ele, nenhum deles o notava!

Porque o faziam? Não representava perigo para eles, nem mesmo para si próprio!

Ao seu lado estava aberto um pequeno livro, que comprara enquanto dirigia o velho buick até uma das estradas de terra batida que desembocava no cânion, Lendas Algonquin era o título, não o lera, mas o deixara aberto ao seu lado.

Não havia outros pescadores por ali em milhas ao redor!

Um grito de coioete ecoou perdido pelo topo do cânion e o som sobrenatural desceu e redemoinhou pelo labirinto de granito naquelas horas paradas da noite!

O pescador sentiu um arrepiado gelado descer por sua espinha!

Nunca havia ouvido um grito de coioete daquele tipo antes. Esganiçado talvez!

Levantou o rosto e olhou ao redor preocupado.

O que seria aquilo?

Sabia que aquelas terras selvagens tinham fama de serem assombradas por coisas esquisitas e criaturas fantásticas, mas nunca ligara muito para aquilo. Era descrente.

O sobrenatural não fazia parte de seu dia a dia! Apenas coisas reais.

Levantou a vara de pescar e rebolou a linha por sobre sua cabeça jogando-a longe no meio do riacho, o espadanar da água o surpreendeu.

Fazia algum tempo que nenhuma truta lhe mordida a isca.

A noite subiu devagar, escura, já não conseguia ver muito bem além da linha de carvalhos emaranhados nem salgueiros balançantes.

Os raios da lua alaranjada faziam brilhar as águas como uma procissão de diamantes brutos.

Isso o fascinava!

Súbito um grito estridente e alto ribombou pelas paredes do cânion, assustando-o e silenciando todos os outros barulhos da noite!

Um grito de mulher!

Os pelos da nuca do pescador estavam eriçados de pavor!

Sabia que não era uma mulher, não havia pessoas naquela parte da mata, não de noite e muito menos naquela noite.

Informara-se com os guardas florestais e eles haviam sido claros, ele era a única pessoa na região, em milhas ao redor.

Olhou em torno, confuso!

Lembrou-se de que o guarda florestal o alertara de que às vezes os leões da montanha caçavam por aqueles lugares e eles podiam gritar como uma mulher!

Talvez fosse apenas isso!

Não tinha certeza!

Aquilo o agonizou.

Voltou-se e procurou a espingarda, estava ali quase ao seu lado.

Não sabia bem porque a trouxera, era pescador e não caçador, mesmo assim a trouxera.

O grito soou de novo, desta vez diferente, parecia angustiado ou amedrontado!

E então cessou de forma abrupta, quase com um gorgolejo no final!

Aquilo o assustou ainda mais.

Não sabia o que poderia ter causado aquilo.

Sabia no entanto que fosse o que fosse havia atacado o leão da montanha! Parecia.

Algo que não fizera barulho! Outro tipo de caçador.

Um silêncio pesado o envolveu. Desgostou daquilo.

Recolheu a linha devagar, medindo os segundos de silêncio que o envolviam.

Deixou a vara de pesca na margem ao lado do balaio pela metade. Amedrontado.

Pegou a espingarda. Agarrou-a com força, os nós dos dedos ficaram brancos.

Súbito olhando para cima, para o topo do cânion de granito viu uma silhueta alta andando por ali. Ereta.

Parecia ser de um homem, mas então seria o homem mais alto que já vira.

Procurou aproximar-se mais, não queria assustar aquilo, queria apenas ver o que era.

Moveu as pernas devagar, elas pareciam não querer obedecê-lo, estava com muito medo, nunca sentira nada assim antes. Tremeu.

Um vento estranho desceu pelas ribanceiras do cânion e lhe trouxe um odor nauseabundo, como de um gambá morto ou de peixe podre misturado com um almíscar forte e selvagem. Algo tão estranho quanto assustador.

Não queria fazer barulho. O odor forte de almíscar o incomodava.

Procurou esgueirar-se pela trilha que subia ao invés de entrar pelo meio dos pinheirais e dos carvalhais que abundavam por ali. Não queria se perder. Nem ser emboscado.

Aproximou-se devagar. Media os passos e o barulho que faziam.

Fosse o que fosse estava logo adiante, no meio da trilha. No caminho aberto.

Parou assustado! Jamais devaneara ver aquilo!



Uma cena terrível inundou seus olhos com um horror além do que jamais conseguiria imaginar!

O corpo de um grande leão da montanha estava caído no meio da trilha!

Provavelmente morto. Verdadeiramente mesmo.

De onde estava, por causa dos raios alaranjados da lua que banhava o corpo, pode ver que a garganta estava totalmente lacerada, de forma que a cabeça quase havia sido arrancada do corpo. Fora uma dentada que fizera aquilo?

Partes do corpo do animal haviam sido consumidas em grandes e visíveis dentadas.

Havia pouco ou quase nenhum sangue no local ou nos arredores.

Fosse o que fosse havia bebido o sangue do animal!

O ar faltou-lhe nos pulmões e a garganta se fechou, não conseguia respirar direito por causa daquele odor pestilento, visceral, que invadia toda a atmosfera da cena.

Estava por tudo ali! Impregnado!

Súbito escutou um barulho atrás de si! O horror o alcançara!

Voltou-se assustado! Os olhos já se arregalando e o medo o avassalando.

A criatura era enorme! Colossal.

Olhava-o com olhos mortos, inexpressivos!

O corpo era coberto de enormes pelos pretos e longos, a barba emaranhada descia-lhe até os joelhos rotundos.

Não usava roupas e o membro salaz descia-lhe pelos joelhos, protuberante.

Olhou para as mãos, ainda pingando do sangue do leão da montanha, havia garras de seis centímetros nelas, ensanguentadas e pretas.

O rosto quadrado estava sujo do sangue do animal que acabara de matar!

Seu peito e braços eram enormes, grossos como toras e cobertos de pelos grossos como de um animal.

Havia um olhar quase humano naquele olhos selvagens e bestiais!

O vento que rodopiava pelo cânion subiu e passou pelos dois, engolfando o homem naquele odor bárbaro e almiscarado, pungente e lúbrico.

Não conseguiu gritar!

A garganta estava seca de terror, as pernas endurecidas de pavor e o coração não era mais do que um mero tamborilar surdo e ignavo.

Fechou os olhos!

Não conseguiu olhar o rosto daquele horror quando este fechou as mãos calosas e os dedos nodosos e grossos em torno de si.

Rezou por uma morte rápida!

Mas aquilo que havia visto transparecer naqueles olhos selváticos e desalmados prenunciava um fim horrendo de medonha violência!

\*\*\*

**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# POEMAS SOBRE O TEMPO

VOL. V

## POEMAS SOBRE O TEMPO

VOLUME V

Ademir Pascale  
organizador

E-BOOK

Conexão Literatura

saiba mais: clique aqui



POR SELMA LUANNY

# A HISTÓRIA DE AMINA

CONTINUAÇÃO



**A**pós mais de uma década de total dedicação aos seus estudos e trabalho na Grande Biblioteca de Alexandria, Amina/Zeron já almejava chegar um dia, a fazer parte do respeitado grupo de intelectuais que dava vida àquele lugar. E este desejo não seria mais impossível de se realizar.

Alguns dos seus pares a viam como um homem mais fragilizado e quase efeminado o que num meio intelectual helênico não era tomado como inferior, mas totalmente aceito.

E Amina nunca se sentia inferior, mas entendia que na sua situação era preciso nunca descuidar.

A sua parte psicológica era forte e serena, pois fora forjada desde o início da adolescência por aquela determinação de mudar o rumo da sua vida - reconhecidamente "predeterminada" desde o nascimento.

A fuga de provável casamento e maternidade não a abalava. Procurava não se apegar ou se envolver emocionalmente com homens e/ou mulheres apesar de ser esporadicamente tentada ou testada por alguns indivíduos, principalmente do seu grupo de colegas da Biblioteca.

A vida de Amina resumia-se aos seus interesses e atividades acadêmicas daí decorrentes.

Vivia com a maior simplicidade e evitava chamar a atenção de qualquer outra pessoa para o seu comportamento, exceto o que envolvia a sua atividade profissional, inclusive sendo bem aceita pelos seus pupilos, muitos dos quais a seguiam religiosamente durante as horas do dia.

À noite, fazia o possível para manter o seu condicionamento físico e cuidava da sua higiene pessoal, quando podia, pois isso também não era o "normal" naquela época, dependente da estação do ano, escassez de água e facilidades disponíveis.

Para os homens, banhos públicos e/ou coletivos eram lugares comuns.

Para mulheres não.

E Amina simplesmente ocupava um lugar intermediário.

Não podia participar de banhos coletivos masculinos e também não tinha a sua própria casa.

Dependia um pouco da sorte e de se encontrar só, em lugares reservados ou longe dos aglomerados humanos e, é claro, com água disponível.

Essa era para ela, uma situação já comum e inevitável.

Guerras naquela época também eram inevitáveis. Eram disputas territoriais ou pelas rotas de comércio ou simplesmente pelo poder.

Acontecia dos exércitos reais precisarem de médicos com bom conhecimento de anatomia e técnicas de amputações e trepanações, principalmente. Tratamentos paliativos



que só ajudavam na recuperação dos enfermos se eles tivessem um organismo forte o bastante para fazer a sua parte - livrar-se das hemorragias e infecções extremas em condições extremas - pois medicações e até "anestésicos" eram coisas rudimentares e muitas vezes inteiramente empíricas.

Frequentemente médicos da Grande Biblioteca eram requisitados para servirem e acompanharem deslocamentos militares do império, com propósitos bélicos.

Um dia, chegou a vez de Amina/Zeron ser chamada(o) a servir como médico do exército egípcio dos Ptolomeus.

Amina embarcou naquela missão com a mesma determinação e coragem que lhe eram próprias.

Teria que trabalhar em situações precárias de higiene e conforto e com alta mobilidade, inclusive para os enfermos.

Estes por serem homens, relativamente fortes, jovens e com melhores resistências físicas, tinham maior sobrevida do que a população geral se submetida às mesmas condições.

Amina foi para a guerra.

Amina passou a vivenciar coisas muito mais pesadas e graves do que já vivenciara em toda a sua vida, incluindo a sua jornada pregressa, pelos desertos, nas costas de camelos, a pé ou nos barcos envolvidos no comércio ao redor do mediterrâneo.

Como profissional médico, Amina tinha privilégios a mais do que os militares corriqueiros. E ocupava um posto como um adjunto e até conselheiro dos generais.

Nota de rodapé: quinta parte do conto A HISTÓRIA DE AMINA, partes a serem publicadas mensalmente nesta revista.

\*\*\*

**Sellma Luanny** são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

**DIVULGUE O SEU  
LIVRO OU TEXTO NA**



## **Revista Projeto AutoEstima**

**Entrevista: R\$ 180,00**

**Entrevista.** Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

**Texto: R\$ 70,00**

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

**Contato: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) C/ ELENIR ALVES**





POR ROBERTO SCHIMA

# UMA CARTA DO VENTO

南

O lá, vovó.  
É final de tarde, e o tempo urge.  
Espero que esteja bem e em segurança, dentro do possível.

Que essa mensagem chegue as suas mãos como uma voz a sussurrar em seus ouvidos.

Com a força do mar.

Com a força do tempo.

Com a força da chuva.

Com a força do vento.

O comandante de nossa unidade nos instruiu a escrever uma carta de despedida. A ela juntaremos lascas de nossas unhas e uma mecha de cabelo. Será tudo o que, em breve, restará de nós. Ao menos no plano físico, pois, em espírito, estarei sempre ao seu lado.

Estou com dezoito anos. Ainda que seja pouca idade, como resumir os anseios de uma vida em algumas linhas? "Vida", aliás, é uma palavra que, agora, soa-me estranha dada as circunstâncias.

Embora as informações sejam escassas, restou claro que, após o resultado dos confrontos em Midway, medidas mais contundentes fizeram-se necessárias a fim de deter o avanço dos americanos. Várias centenas de combatentes experientes se perderam, principalmente pilotos.

Eu estava na sala de aula da Universidade, aprendendo biologia marinha - Nisso, pareço-me com o nosso venerável *Tenno!* -, quando, de repente, um oficial grosseiro interrompeu o professor, informando que todos nós seríamos recrutados a serviço do Império Japonês. Foram muitos meses de brutal treinamento. Até então, não éramos soldados, e os militares de verdade - leia-se bitolados - não nos apreciavam, especialmente os sargentos. Chamavam-nos por vários nomes feios, sendo "garoto mimado" o menos ruim deles. (Os outros mal me atrevo a pensar, que dirá repeti-los à senhora!) Mas estudamos e treinamos com afinco a fim de aprender a pilotar. E aprendi! Aliás, voar na imensidão do céu e sobre a vastidão do mar é o que teve de melhor em tudo o quanto vi, senti e presenciei nos últimos meses. A paz lá no alto seria absoluta e infinita, não fosse o ronco do motor e, principalmente, a turbulência que vem à mente em razão da guerra. Nunca me imaginei pilotando um Mitsubishi A6M Zero, vovó, embora admirasse os voos migratórios dos grouse e imaginasse como seria estar no lugar das pipas que empinava até o céu. Mas, veja só, é o que estou fazendo! Sou membro da *Shinpū Tokubetsu Kōgekutai*. Eu gostaria que aqueles momentos nos ares durassem para sempre. No entanto, o sempre é tão efêmero quanto a *sakura*. Em verdade, há tão pouco tempo...

A realidade grita a nossa porta! Os americanos se aproximam. Os oficiais berram, gesticulam e espancam os subordinados. Apesar de todo sigilo ouvimos a respeito da queda de Saipan, o *gyokusai* - que o inimigo chamou de "carga banzai" - e as centenas de suicídios de soldados e civis a pular dos penhascos. Muitas tragédias. Muitas tristezas. Um pesadelo sem fim. Só de imaginar isso ocorrendo em nosso pacato vilarejo é simplesmente intolerável para mim. Oh, vovó, que tempos terríveis! Para combater, são exigidos métodos igualmente terríveis. E faço parte deles agora. A aflição, a dor e o



desespero daqueles que sucumbiram perante o fogo inimigo ou se suicidaram são como ferro em brasa sobre o espírito de cada um de nós. Perdi inúmeros companheiros tão jovens quanto eu: Araki-san, Seki-san, Ogawa-san, Uehara-san, Yasunori-san e outros. Treinamos, comemos, rimos e compartilhamos nossas vidas. Breve, também compartilharei com eles o mesmo celestial destino.

Em outra época e lugar, desejaria ter concluído os estudos, seguido uma carreira e arrumado um bom emprego para melhor cuidar da senhora. Teria me tornado biólogo marinho e uniria trabalho ao lazer na medida em que mergulhar e estudar a fauna proporcionar-me-iam tanto prazer quanto aprendizado. Procuraria ouvir mais as suas histórias sobre os ancestrais, as tradições, os *kamis*, os *yurei* - que sempre me amedrontaram - e aprenderia a fazer os *tsurus* de papel, a arte da caligrafia, os artefatos de bambu e os belos arranjos florais. A senhora sempre foi rica em conhecimentos, e isso eu sempre admirei. Ah, que saudade dos seus *manju*! Em tempos de escassez, como estará se virando? A preocupação sobre sua situação e saúde me consome e, somada a morte de meus pais no bombardeio, fortalece a minha determinação quanto a missão que terei que cumprir. Talvez a senhora não saiba - embora eu duvide, esperta como sempre foi - de minha afeição pela senhorita Miura-chan. O que eu ignoro é se o meu amor por ela é correspondido. Sempre fui muito tímido sobre esses assuntos. Fico em dúvida se ousar pedir a senhora para contar isso a ela. Oh, Miura-chan! Se meu afeto for retribuído, ela sofrerá; se não for, meus pensamentos e sentimentos terão sido em vão. De qualquer forma, espero que ela esteja bem e assim continue até o término do conflito.

Outro sonho que lamento não poder realizar é o de visitar o sagrado Monte Fuji. Eu o vi uma única vez quando ainda era criança e fui com papai até Tóquio. Lembra-se, vovó? Não deu para ver direito porque o clima estava enevoadado. Foi mais uma silhueta enorme na distância, como um gigante adormecido a proteger à cidade. (Eu sei que, se despertasse, na verdade seria um perigo. Menciono apenas em tom de poesia.) Uma coisa que sempre achei curioso foi ele ter o mesmo nome que a senhora, vovó: Fuji. E, como ele - ou ela -, a senhora me protegeu. Agora, é hora de retribuir. É uma pena o Monte Fuji, bem como os *kamis* e os antigos deuses, não ter se posicionado a fim de proteger a Terra do Sol Nascente. Abandonaram-nos? Ou nos castigam porque começamos a guerra?

O comandante Sakai acaba de sair. Veio ralar conosco, apressando-nos para que terminemos de escrever. "É uma carta e não um livro!", frisou. A senhora bem sabe que sempre me dei melhor com a escrita do que falando.

Ah, tanto para meditar, tanto por dizer e nenhum sossego ou tempo para isso!

Alguns de meus companheiros choram; outros, embebedam-se. Tem aqueles que, inflados pelo nacionalismo, escondem o medo recitando frases ufanistas.

Quanto a mim, talvez sinta um pouco de tudo.

O ser humano é efêmero. A justiça, a liberdade, a honra, a coragem e a lealdade prevalecerão. Aqueles que, em nome da ambição, da cobiça, da vaidade, do ódio, de ideologias deturpadas, e, movidos por um falso patriotismo conduziram a nação à catástrofe, em breve, serão poeira dispersada pelo vento. Já a nossa terra sagrada e a genuína afeição de nosso povo por ela são eternos e permanecerão, bem como o respeito aos ensinamentos e à memória de nossos ancestrais. Não sacrificarei a minha vida pelo

autoritarismo dos oficiais, pelo Império Japonês e sequer pelo Imperador. Será, outrossim, em defesa das pessoas a quem amo mais do que tudo. Por maior que seja o meu anseio por viver, ele não é superior ao desejo de protegê-las a que preço for.

Não chore, vovó. Sou *shimpu* e, de fato, serei como um tufão a varrer os invasores. Colocarei o *hachimaki*, portarei a *katana*, brindarei com saquê e partirei aos primeiros raios da manhã. Estarei no céu com as nuvens, os pássaros, o vento e a imensidão do oceano. Serei parte de todos eles. Todas as vezes que a senhora sentir a brisa do mar tocar o seu rosto e afagar seus cabelos, estarei nele, bem como no tamborilar da chuva e no som das ondas do mar. Estarei sempre com a senhora, assim como a senhora está comigo.

A vida é um sopro, mas o nosso sacrifício, bem como o de milhares de outros jovens aviadores, tornar-se-á eterno. Há outro caminho além desse e é por ele que irei trilhar.

As estrelas surgem no firmamento... Como são lindas!

Adeus, vovó e obrigado por tudo.

Pela honra de nossa família.

À senhora e Miura-chan.

Seu neto que a adora,

Sato Ryoji

\*\*\*

#### NOTA DO AUTOR:

A ideia original do presente texto surgiu da lembrança de uma leitura que fiz na juventude do livro "A Bomba de Hiroxima", de Gordon Thomas e Max Morgan Witts (Círculo do Livro, 1983), mais especificamente um bilhete escrito por um *kaiten* (torpedo humano) e entregue ao seu comandante pouco antes da missão suicida. No entanto, ao efetuar atualmente pesquisa para o texto acima, deparei-me com uma matéria na Wikipédia (em Inglês) sobre Ryōji Uehara, capitão de voo do Exército Imperial Japonês, piloto *kamikaze* morto em ação em 11 de maio de 1945. Nela está reproduzida a derradeira carta que ele escreveu aos seus pais, cujo conteúdo vai de encontro ao estereótipo ocidental - e à propaganda de guerra japonesa - em relação a esses homens. Essa carta acabou se tornando a minha principal motivação. Pertinente também é o artigo intitulado "Vestidos para Matar", publicado na revista "Galileu - História" (Editora Globo) de dezembro de 2006, na qual é entrevistada a antropóloga Emiko Ohnuki-Tierney, autora do livro "Kamikaze Diaries".

[https://en.wikipedia.org/wiki/Ry%C5%8Dji\\_Uehara](https://en.wikipedia.org/wiki/Ry%C5%8Dji_Uehara)

\*\*\*

#### BIOGRAFIA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da



Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei até o momento de trezentas e quarenta e sete antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>







# 1938...

POR VALÉRIA GUERRA REITER



## NO SHOPPING - 1995

Sheila (se reportando ao grupo de amigos) — Cada ano que passa ficamos mais velhos...

— Minha cara, por favor, não me lembre este fato. Todos os dias penso na minha velhice que se avizinha, disse Alice sorrindo.

Lino – Olhem lá gente! A mulher que vem ali desfilando, lembra demais a Ellen, será ela?

Alice — Não sei, meu nobre Lino, está parecendo que sim. Não estou enxergando lá muito bem.

Lino – Se for ela, mudou a cor e o estilo das madeixas: está ruiva e com corte à la Joãozinho. Não consigo enxergar, a catarata prematura me impede, ratificou Sheila. Lino — Fico perplexo de saber disso, você completou 45 anos, é broto...

Lino — Acho que vou segui-la, esperem um pouquinho minhas lindas vizinhas...

Sheila — Cruz credo, meu querido, isso não é de bom tom. — Ah, Sheila, é por uma boa causa, volto logo, não se preocupem....

## O DIA EM QUE A TERRA PAROU 1938

Cabelos loiros, passos rápidos, ela parecia querer bater asas, queria chegar logo em sua escola, a tradicional Boston Latim School.

Naquele dia 30 de outubro de 1938, seu coração de quinze anos estava sacolejando. A arritmia ressurgiu, porém ela se mantinha lúcida. A maior preocupação da menina-moça era chegar no horário certo da prova de biologia, que começaria em exatos dez minutos. Estudiosa por demais. Aliás, ela nasceu voltada para o Sol, seu cérebro se preocupava com o conhecimento. com as conquistas e conseqüentemente com o poder...ela amava biologia.

Coordenadora — Hi, Ellen, hoje você está atrasada... O que houve? Pensei que falharia pela primeira vez, mas pelo jeito, minha previsão ruiu.

A garota olhou a coordenadora Susan com um olhar nada amistoso. E, tão logo proferiu: — I' m sorry; mas agora preciso ir, falta cinco minutos para o início da prova.

Tudo correu bem, como sempre, a moçoila de “óculos fundo de garrafa”, e cabelos bem aparados na altura dos ombros, sempre obtinha excelentes resultados em suas aferições.

Ela chegou a casa uma hora mais cedo, estava satisfeita com seu desempenho na prova. Seu psicológico não foi nem um pouco abalado pelo atraso da manhã. Apesar das

reclamações de sua mãe, Ellen não deu ouvidos, e sorriu: — Está tudo certo mãe, fui muito bem na avaliação.

Seus pais eram químicos, e apesar do machismo imperante no país, e no mundo, eles criavam a filha única para a conquista de um diploma de graduação e uma vida acadêmica de sucesso.

Na casa da família Stuart, o rádio ficava na sala, e o clã tinha o hábito de ouvir notícias. Naquela noite, haveria um programa de sucesso que agradava muito à família dos intelectuais; que gostavam de ouvir a CBS, rádio que tinha uma programação musical incrível a partir das 20h.

De repente, a rede de rádio CBS (Columbia Broadcasting System) interrompeu sua programação musical para noticiar uma suposta invasão de marcianos. A "notícia em edição extraordinária", na verdade, era o começo de uma peça de radio teatro, que não só ajudou a CBS a bater a emissora concorrente, a NBC, como também desencadeou pânico em várias cidades americanas. "A invasão dos marcianos" durou apenas uma hora, mas marcou definitivamente a história do rádio. Orson Welles conseguiu se superar como ator, dramaturgo e escritor nesta noite fatídica.

A Senhora Stuart gritava, e garimpava suas joias; até mesmo, tentou arrastar: uma mesa e uma poltrona grande até o carro da família, com excesso de terror nos olhos. Ela queria se salvar e salvar sua família, e iria empreender a melhor fuga possível durante a invasão do planeta. Já o pai de Ellen ficou estático na cama, e só repetia: — Querida, não se aflija, eu acho que tudo não passa de um equívoco. Ellen resolveu pegar seu gato Chaplin, e correr para o jardim da Casa, foi quando viu algo inusitado: um ser que mudava de tamanho, forma e espécie. Ele se comunicou com ela pelo pensamento dizendo: “Não foi apenas um drama, ou um teatro, estamos aqui! eles não sabem, mas viemos! venho do planeta XAMOC.

E como você é a primeira humana que vejo após minha chegada ao seu planetoide, irei lhe presentear com o dom da eternidade. O homem era alto, forte, loiro, de olhos azuis e jovial, aparência de uns trinta anos. Ela ficou pálida, e vermelha ao mesmo tempo, e mesmo apavorada perguntou: — O que queres de mim? — Apenas dar-lhe a chance de nunca morrer. Afinal, sou um pleadiano, mas fui sequestrado por xamoceanos, e eles não gostam de nós; acabei virando um escravo. Só posso assumir a forma pleadiana, em versões humanas diversas, poucas vezes no mês. Depois me transformo em um xamoceano, mudando de forma, tamanho e espécie, por exemplo: de árvores falantes a “ressurretos cruéis”. Aí faço muitos estragos...

### **SÃO TOMÉ DAS LETRAS - 2024**

Na cidade de São Tomé das Letras chove, a madrugada avança, e uma mulher caminha lentamente pelas ruas, ela não tem guarda-chuva, e tenta cobrir sua cabeça com



uma manta. Ela está aflita, e reza o Pai Nosso. Se apressa, o mais que pode. Seu reumatismo está no auge, especialmente no joelho esquerdo.

— Ufa! Até que enfim cheguei, disse Ellen ao abrir a porta de uma graciosa casinha, onde morava há 30 anos. Nas paredes da moradia feita de pedra, estavam dependurados muitos quadros com pinturas de seres de cabeças alongadas, árvores com garras e seres humanos alados: fortes, altos e musculosos; enfim o estereótipo representativo de seres extraterrenos. A cidade respirava ufologia. Ellen se sentou no sofá, e fechou os olhos.

Cochilava agora, a mulher centenária. Seu cochilo durou meia hora. A ilustre cidadã norte-americana sonhou que estava dentro de um avião. No sonho, ela era bem jovem, mais ou menos vinte e três anos. Viu o céu azul de 1946, ao desembarcar no aeroporto do Rio de Janeiro. Ela acordou com batidas na porta de madeira da sala pequena. Ficou assustada, e muito confusa com o sonho: ajeitou o vestido estampado, e retirou a manta molhada de cima dela. Ficou intrigada, quem poderia ser àquela hora tardia...

A mulher se munuiu de coragem foi até a porta para olhar pelo visor mágico. Foi quando viu um rapaz alto, ele parecia cansado e triste. Então ela perguntou – Quem é o senhor, o que quer aqui? Já estou recolhida. A voz quase sussurrou: Me ajude. Ellen avisou – Espere!

Ela caminhou até o banheirinho do andar de baixo da casinha jeitosa e trocou de roupa rapidamente; seu vestido estava molhado, ela passou álcool no corpo, para desinfetar-se da água da chuva, e vestiu uma roupinha leve. Depois foi direto à porta da sala e a abriu. O homem olhou para ela com impaciência, parecia em choque. A mulher o fitava contemplativa, ele era um jovem homem de um metro e oitenta, loiro, olhos azuis, e pele bronzeada. Estava com uma jaqueta jeans por cima do dorso, que exibia um tórax bem delineado, usava calça de malha branca, e chinelos de dedo.

Ela achou estranho, pois chovia muito, e o rapaz parecia não sentir frio. A mulher o convidou a entrar, ele parecia não entender a comunicação da senhora, que o segurou pelo braço, e o conduziu até o interior da sala, fechando a porta em seguida. O homem resolveu se sentar em um sofá pequeno, de dois lugares. Recostou a cabeça, e adormeceu imediatamente. Ellen, ficou observando aquilo com curiosidade, e certo receio. Ele parecia inerte, como uma rocha, porém ela viu que respirava.

Ellen estava muito fadigada, e se dirigiu ao seu quarto; onde dormiu profundamente. Depois de algumas horas se levantou duas vezes: uma para ir ao banheiro, e outra para olhar como estava o homem. Seu coração estava um pouco arritmico, talvez pelo medo de abrigar uma pessoa desconhecida em sua casa.

Chegando à sala, levou um susto, o rapaz não estava no mesmo lugar, ela olhou na cozinha, e na área de serviço, e nada. Foi quando viu que ele estava colado ao teto da sala, ele respirava sofregamente, e perfazia um som de zumbido, bem atípico. O Relógio de

parede antigo, um presente de sua mãe, bateu cinco vezes, ela viu que amanhecera. Ellen resolveu questioná-lo: — O que faz a aí, meu rapaz? O estranho virou-se rapidamente, e voou ao chão, com uma facilidade incrível.

— Quem é você? E ele respondeu em inglês: — I ‘m neighbor

Seu coração estava agitado, pois o vizinho a olhava com sede de amor e ódio. Ela pressentiu que algo estava errado. Porém era necessário continuar sua performance...

O “vizinho” partiu para cima da mulher, e ela gritou: — Me respeite, passei dos noventa anos, e hoje é meu aniversário. Ele gargalhou tirando a jaqueta jeans, e a abraçando com força. “Ela” gritou, e “ele” a socou fortemente.

“A senhora” mirou-se no espelho grande da sala, e o que viu foi uma mulher jovem, cabelos loiros, compridos, pernas bem torneadas, e um frescor juvenil. O “homem” disse – Está com medo? Ela estava com muita dor na face, que arroxava... e se desvencilhou “dele” correndo para o andar de cima, o “homem” a seguiu, entrando no pequeno quarto. Lá “ele” viu uma silhueta com 2,0 m, mesmo assim buscou-a, e foi “golpeado”.

Quem golpeou o “rapaz” foi um ser enorme, braços longos, com quelíceras. Em seguida “Ellen, real” golpeada desce as escadas, com aparência antiga: cabelos curtos e ruivos, mas está machucada, e logo, logo se transfigurará... outra vez.

Ela vê que a mulher loura, de pernas bem torneadas se transformou em Lino, porém a verdadeira Ellen já está transformada em uma imensa espada de São Jorge alada. “Ellen real” transformada em vegetal impiedoso perfura John Lino no tórax, e ele se esvai, para sempre, sem chance de ressurreição. Ele foi exterminado por uma humana rara, com D.N.A ressurrecto, único exemplar em todo o universo.

Lá fora chovia e o corpo de Lino jazia... enquanto Ellen se restaurava. Ela agora está se transformando: cabelos curtos e ruivos do ano de 1995. Ela pensa que venceu, mas Sheila e Alice, ainda vivem...

## UM DIA DE SOL - EM 1995

Um homem anda apressado, procura por alguém. Ele atravessa a Av. Atlântica, em Copacabana, Rio de Janeiro, parece cansado, mas não quer desistir de sua intenção de localizar uma grande amiga do passado.

Ele pensa ter visto ela no Shopping, que fica localizado no bairro vizinho: em Botafogo. A mulher misteriosa havia atravessado a avenida com muita pressa, tanta pressa que parecia levitar. O cabelo curto e ruivo ao longe, não se confundia com outras cabeças femininas que transitavam no calçadão. A mulher entrou em um restaurante.



Lino não pestanejou – Bingo! Ele chegou à porta do recinto chique, e foi acolhido pelo maitre, que o conduziu a um lugar aconchegante. Lino se sentou, mas seu olhar procurava por Ellen...foi quando percebeu que a mulher estava sentada de frente para ele, seus olhares se cruzaram. E aqueles olhos azuis, não deixavam dúvida de que era a mesma Ellen que ele conhecera no Texas, em 1938.

Ele percebeu que Ellen estava mais magra, e mais bonita, nada mudara, pernas bem torneadas, e uma elegância ímpar. Parecia ter os mesmos quinze anos que tinha quando se conheceram naquele trinta de outubro de 1938, véspera de Halloween. Ela estava sozinha e tomava uma Coca-Cola. O garçom chegou perguntando o que ele iria escolher, Lino pediu uma Coca-Cola também. Talvez para sinalizar a Ellen, que um reencontro estava à vista.

Ela fez um sinal ao garçom, que foi até a mulher, ela entregou um bilhete destinado a Lino. O garçom levou a ele, e o escrito dizia: “Jonh, senti saudades, sente-se aqui, ao meu lado”.

Ele se levantou, e saiu. Ela também levantou e seguiu o homem alto, cabelos alourados, e pele bronzeada, ele tinha uns 50 anos, mas sua aparência era de vinte e poucos...

## **NO JARDIM DE ALAH – 1995**

### **ELLEN E JOHN**

No jardim de Alah, um casal apaixonado, se beija. O homem abraça com muito carinho aquela mulher de cabelos curtíssimos e avermelhados. O beijo durou meia hora.

Parecia cena de um filme. Um grito estridente é ouvido e preenche o ar, pessoas ficam assustadas e procuram de onde veio o som. Um jovem estudante que passava no local, escutou o urro, e deixou seus cadernos e livros caírem ao solo. Ele nunca ouvira um som como aquele...com certeza era um insectoide alienígena,

Como ele estudava ufologia, e era pós-graduado em sons e vocabulários de extraterrenos, ele identificou o grito/gemido que ecoou ali. Parecia um estertor. Ellen agora está correndo pelas ruas, parecia chorosa, seu semblante era de desespero, volte e meia surgia a imagem de um ser alado, com rosto de louva-deus, e com cabelos feitos de fogo; e altíssimo, mais de dois metros, ela chora e lembra, de quando ele engoliu seu pai, o senhor Stuart, no longínquo 1938.

Seu coração pulsa acelerado, e ela chega à porta de um prédio luxuoso, após quatro quarteirões de sua trajetória. Trêmula, ela abre o portão de entrada, e se dirige ao elevador, e sente um cheiro forte de flores de cemitério, mas não se importa, chega ao décimo andar, e já dá de cara com a porta de entrada de seu imóvel. Ellen a destranca e adentra com cautela e pavor. Olha todos os cômodos cuidadosamente, mas continua

tremendo. Adentra o primeiro banheiro, tranca a porta, tira toda a roupa, e se deita na hidromassagem. Liga a água, e suspira.

O banheiro é grande, ela abre os olhos e vê seu corpo na banheira, assim como enxerga um Insectoide, com boca succional sugando seus órgãos internos. A cabeça de Ellen está em cima do tapete. Ela sorri, e diz – Perda de tempo meu caro, sei que me ama. Porém o transfigurado Lino, antes tão jovial continuava a desconstruir sua amada vítima, que dizia: — me reconstituirei em breve. O ser continua sugando... e estava com pressa...

A mulher está perdendo a consciência, morrendo; em breve não haverá mais ressurreição para ela, ele decidiu assim; os olhos dela estão pesados. Sua vida se esvai, e Lino sorrindo diz: — Te amei, mas o amor pela cultura de meus pais, em Xamoc, foi maior. Continuarei aqui na Terra, me alimentando de outros terráqueos desavisados, agora tomarei sua forma e continuarei a viver eternamente.

O ser está indo para uma cidade ufológica, justamente para facilitar o contato com seu povo: São Tomé das Letras. Mas o que ele não sabe é que Ellen guarda o poder da ressurreição, em seu D.N.A...e em suas pesquisas biológicas.

E antes de dar o último suspiro, ela sussurrou: – Mesmo que demore séculos, milênios, eu te acharei, seu maldito traidor...

## A VOLTA DE LINO AO SHOPPING

1995

Quando John (Lino, no Brasil) voltou ao shopping e encontrou suas amigas e vizinhas, ele enxergou cada uma, em sua versão metamorfoseada.

Sheila: Aracnoide xamoceana de 2 metros e meio

Alice: um Insectoide e xamoceana de 2 metros

Todos no entorno, não tinham o mesmo poder e dom, eles viam duas mulheres bonitas, encontrando um humano charmoso (na verdade um (pleiadiano/xamoceano).

Sheila acena para Lino, bem eufórica, e Alice crava: — então, era ela? Lino responde: — sim, e já está consumado, minhas vizinhas lindas e monstruosamente invejosas...

— Agora preciso ir meninas. Conforme o homem andava, sua aparência mudava na sequência: Gray, Baobá retorcido e Ellen.

**Valéria Guerra Reiter** é atriz com registro no SATED-RJ. Jornalista, historiadora, bióloga, escritora com algumas premiações, inclusive aqui neste projeto. Várias vezes integrante de antologias na Perse, no projeto APPARERE. E-mail: [escritordeluz@hotmail.com](mailto:escritordeluz@hotmail.com)



Revista  
Conexão Literatura

# BAIXE AS EDIÇÕES

ANTERIORES



DOWNLOAD

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# Feedback

escritores e leitores



Joaquim Cândido de Gouvêa  
Escritor

Olá, queridos leitores!

Que intensa alegria a minha em falar e recomendar a leitura da nossa envolvente REVISTA CONEXÃO LITERATURA. No meu caso, me vejo como uma criança ansiosa pelo “presente” que está a chegar: a edição no primeiro dia de cada mês. Com o manuseio, eu prefiro compará-la a um “Livro”, bem atualizado com rara preciosidade de assuntos.

A curiosidade nos assusta! No deslizar das folhas constatamos a riqueza em todos os assuntos. O início, com a “Capa” e posteriores entrevistas, criam um amanhecer em nosso interior encharcado de alegria. Conseguimos observar que todos, enfim, tiveram enorme dificuldade para superar obstáculos. O sucesso em escrever foi difícil e, nas afirmações, o grande destaque para a gratidão.

Logo a seguir, a beleza dos contos em histórias bem contadas; também a ingenuidade dos poetas com seus versos encantados que, após a leitura nos indagamos: será verdade?

Tem muito mais a ser apreciado, mas não vou estragar a surpresa de todos vocês.

Instagram: @joaquimgouvea\_



Dê o seu depoimento sobre a Revista Conexão Literatura, envie o seu comentário, rede social e foto para: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

Os depoimentos poderão ser publicados no site da revista, redes sociais da revista e edições da revista.

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# Você escreve?


Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

**Seleções Literárias**

**Filtre oportunidades**

por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

**Acesse**

**Seleções Literárias**

<https://selecoesliterarias.com.br>



Autor(a), conheça o  
**pacote**  
**divulgação**  
**para**  
**escritores**

---

Saiba mais



---

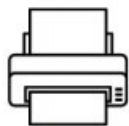
E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

[www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

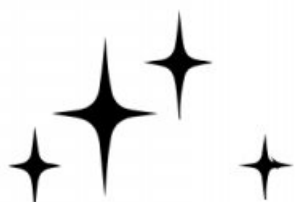




# AJUDE O ESCRITOR CHARLES DICKENS A ENCONTRAR O SEU LIVRO "A CHRISTMAS CAROL"



Para imprimir



By Ademir Pascale





**AMOR  
PELOS  
LIVROS**

**MÍDIA KIT 2025**

# **REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

## **ESTATÍSTICAS**

**+789 MIL    +195 MIL    + 5 MILHÕES DE ACESSOS**

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E  
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)  
E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)



# MÍDIA KIT

## Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org) - c/ Ademir Pascale

### ✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



### ✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

### ✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

### ✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

### ✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

### ✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: [www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura) e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de ~~R\$ 2.500,00~~ por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

**PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:**

**e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org) - c/ Ademir Pascale**



REVISTA  
**CONEXÃO LITERATURA**

NO AR  
DESDE 2015

CONNECTANDO  
**AUTORES E LEITORES**

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
**01.02.2025**



**Mensagem do Editor**



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 110 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: **CLIQUE AQUI**  
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESSE O PAYPAL:



**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO**  
**ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

**ACESSE O NOSSO SITE**

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd